A FEIRA DE BARCELOS

António Júlio da Silva Veiga Simão

Paulo Jorge Correia

COIMBRA 1985

89.12)

A FEIRA DE BARCELOS

António Júlio da Silva Veiga Simão

Paulo Jorge Correia

Q S.2 - 1 - 6
C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
Nº 21716
Barcelliana
Perm.

COIMBRA 1985

C. M. B.
BIBLIOTECA

SIVIS

I N D Í C E

NOTA PRÉVIA 6

AS FEIRAS, SUA EVOLUÇÃO

I

1. AS FEIRAS E A IDADE MÉDIA 9

1.1. BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A NOÇÃO DE FEIRA E MERCADO 9

1.2. FACTORES QUE CONDICIONARAM O APARECIMENTO DAS FEIRAS 11

1.3. CARACTERÍSTICAS ECONÓMICO-JURÍDICAS 13

1.4. IMPORTÂNCIA SÓCIO-CULTURAL 17

1.5. AS FEIRAS, SUAS RELAÇÕES COM O COMÉRCIO EXTERNO. 19

1.6. AS FEIRAS, SUAS RELAÇÕES COM A INDÚSTRIA 21

2. DA EVOLUÇÃO PÓS-MEDIEVAL AOS NOSSOS DIAS 23

BARCELOS E O SEU CONCELHO

II

1. A CIDADE DE BARCELOS 28

1.1. EVOLUÇÃO ADMINISTRATIVA 28

1.2. ENQUADRAMENTO REGIONAL 29
1.2.1. INTRODUÇÃO 29
1.2.2. SITUAÇÃO E RELAÇÕES ECONÓMICAS 32
1.3. ECONOMIA REGIONAL 34
1.3.1. SECTOR PRIMÁRIO 34
*ORDENAMENTO AGRÍCOLA DO CONCELHO 38
1.3.2. SECTOR SECUNDÁRIO 39
A - TEXTIL 41
B - CALÇADO 42
C - CERAMICA E OLARIA 43
* INDÚSTRIA ARTESANAL 44
1.3.3. SECTOR TERCIÁRIO 45

A FEIRA DE BARCELOS

III

1. PRIMÓRDIOS DA FEIRA 50
2. EVOLUÇÃO DO SÍTIO DA FEIRA 53
*MILAGRE DAS CRUZES 55
3. PROBLEMAS DA PERIODICIDADE 57
4. A FEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX 58
5. A FEIRA E SUA IMPORTÂNCIA SÓCIO-CULTURAL 61

IV

1. A FEIRA DE BARCELOS; A DA MEDIDA GRANDE 62

1.1. O DIA DE FEIRA 62

1.2. QUEM A VISITA 64

1.3. A FEIRA E O COMÉRCIO CITADINO 65

2. A ADMINISTRAÇÃO DA FEIRA 67

2.1. OS LUGARES 68

2.2. MODALIDADES DE PAGAMENTO 68

* CASOS ESPECIAIS 69

* RESTANTES CASOS 70

* CONCLUSÃO 71

3. OS FEIRANTES 72

* OS FEIRANTES FORA DO CONCELHO 74

4. APRESENTAÇÃO DO RECINTO E PRODUTOS DA FEIRA 75

5. A METRAGEM 89

6. A FEIRA DE BARCELOS E AS FEIRAS DA REGIÃO 89

7. FEIRA DO GADO 91

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA 93

BIBLIOGRAFIA 94

AGRADECIMENTOS 96

NOTA PRÉVIA

Ao delinearmos o plano de trabalho sobre a feira de Barcelos, pareceu-nos importante desenvolver o aspecto histórico-económico-social das feiras em geral, pois sem o conhecimento da história torna-se difícil a compreensão de tais manifestações.

Uma feira não é um facto isolado, insere-se num contexto regional e por vezes nacional. Assim, o estudo da cidade de Barcelos e da sua região é importante para o conhecimento de muitos factores que de algum modo influênciam a feira desta cidade.

Por fim, achamos conveniente iniciar o trabalho, fazendo uma distinção entre feira e mercado, significantes que por vezes são utilizados indistintivamente.

Mercados e feiras, distinguem-se pelo facto de as últimas se realizarem com intervalos de tempo muito maiores e visarem atrair produtos de àreas muito mais vastas; São centros de reuniões periódicas e preenchem as funções das cidades, quando estas não existem ou são em natureza e número inferiores às necessidades. Ao contrário, o mercado tem frequência igual ou inferior a uma semana, sendo destinado ao pequeno comércio e abastecimento para consumo imediato.

"...Somos nós os mercadores que fazemos viver os povos e os reinos. Sem nós, os homens ficariam privados de muitas coisas, utensílios, que os ajudam no seu trabalho, armas para se defenderem, roupas e adornos que tornam a vida mais agradável. E os povos não saberiam o que acontece além das suas terras: levamos-lhe mercadorias e também notícias é verdade que ganhamos dinheiro, mas também podemos perder tudo, pois andamos ao sabor das vontades dos Deuses, correndo perigos, cruzando os mares, atravessando países inteiros.

in "A voz dos Deuses"; João Aguiar

RETROSPECTIVA DAS FEIRAS

I

1. AS FEIRAS E A IDADE MÉDIA

1.1. BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A NOÇÃO DE FEIRA E MERCADO

1.2. FACTORES QUE CONDICIONARAM O APARECIMENTO DAS FEIRAS

1.3. CARACTERÍSTICAS ECONÓMICO-JURÍDICAS

1.4. IMPORTÂNCIA SÓCIO-CULTURAL

1.5. AS FEIRAS, SUAS RELAÇÕES COM O COMÉRCIO EXTERNO

1.6. AS FEIRAS, SUAS RELAÇÕES COM A INDÚSTRIA

2. DA EVOLUÇÃO PÓS-MEDIEVAL AOS NOSSOS DIAS

RETROSPECTIVA DAS FEIRAS

I

1. AS FEIRAS E A IDADE MÉDIA

A organização económica e social Europeia nos Séculos XII e XIII está ligada a uma economia monetária, cada vez mais importante, com substituição da auto-subsistência das comunidades mais ou menos isoladas, pelo mercado, e feiras.

> "As feiras são um dos aspectos mais importantes da organização económica da Idade Média. Nascidas da necessidade de promover a troca de produtos entre o homem do campo e o da cidade elas representam o ponto de contacto entre o produtor e o consumidor, o ponto onde se concentrou a vida mercantil de uma época..."
>
> in Virgínia Rau

1.1. BREVES COMENTÁRIOS SOBRE A NOÇÃO DE FEIRA E MERCADO

Convém salientar o contraste entre feira e mercado da Idade Média.

Estes últimos já existentes desde o século IX apresentavam características que os diferenciavam das fei

ras:

"Entre a feira e o mercado local a oposição não é portanto uma simples diferença de grandeza, e também uma diferença de natureza"

in Virgínia Rau

"A feira é o centro do grande comércio que atrai mercadores de países longínquos"

in Virgínia Rau

Os mercados locais eram destinados a alimentar a população local de produtos frescos, daí a sua realização feita para e pelas pessoas da região, sendo a variedade dos produtos oferecidos reduzida e o volume das transacções (geralmente compra e venda a retalho) também reduzidas.

Assim os mercados locais abasteciam as necessidades locais sendo apenas concorridos pelas pessoas da vila ou da vizinhança.

O mercado era indispensável para o comércio local, vendiam-se produtos agrícolas, produtos necessários à vida diária e pouco mais.

"...a feira tinha uma importância nacional e por vezes internacional, e nas suas barracas vendia-se tudo quanto era dispendioso e raro"

in Virgínia Rau

As feiras com uma duração e periodicidade diferente dos mercados apresentavam condições para atrair um outro tipo de mercadores, logo outro tipo de mercadorias.

As feiras exerciam uma influência não só sobre a população local como também sobre a população das regiões circundantes. Ofereciam na generalidade um outro tipo de produtos não existentes durante o resto do ano; são assim centros de comércio por grosso abertos a todo o tipo de comércio seja qual for a sua origem.

1.2. FACTORES QUE CONDICIONARAM O APARECIMENTO DAS FEIRAS

Indispensáveis para o desenvolvimento económico da Idade Média e para o ressurgimento de uma nova Europa virada para o comércio, as feiras exigem, devido ao seu carácter e realização, "um lugar determinado e uma data periódica", originando o aparecimento de vilas e da vida ur

bana em geral.

Vão favorecer essencialmente os locais mais privilegiados; assim, portos marítimos e fluviais, cruzamento de vias de comunicação, locais fronteiriços com regiões de morfologia e produções agrícolas diferentes, vão ser os locais mais propícios para que se instalem as feiras.

Continuamente protegidas pelos senhores feudais, pelo poder real e pelas ordens religiosas, a sua eclosão foi favorecida pelas festividades e cerimónias de culto "romarias e peregrinações", já que possuiam os requesitos necessários para a sua realização-local e data fixos-.

Em Portugal possuiam uma periodicidade e uma duração muito variável.

Tanto poderiam realizar-se anualmente, e de duração de oito, quinze ou trinta dias conforme a importância, como, realizar-se três, quatro, doze ou vinte e quatro vezes por ano e de duração entre um e oito dias.

Sendo concorridas por mercadores, de lugares muitas vezes longínquos, aos quais, quer o transporte quer a distribuição das mercadorias obrigava a permanecer temporáriamente nos locais mais favorecidos, as vilas onde se

realizavam as feiras, foram crescendo e desenvolvendo-se.

Favorecidas pelo restabelecimento do comércio com o Oriente as feiras vão-se desenvolvendo sob o impulso de uma nova actividade comercial.

Assim, quer o transporte de mercadorias (na altura via Mediterrâneo, centro de rotas comerciais de então), quer a sua comercialização originou o aparecimento duma nova classe social virada para o mercantilismo que passa a ser altamente protegida e privilegiada, tal era a necessidade de tirar a Europa da estagnação económica em que se encontrava. Pela primeira vez dá-se a ascenção duma classe cuja importância se baseava na riqueza móvel e não na posse da terra, a burguesia.

1.3. CARACTERÍSTICAS ECONÓMICO-JURÍDICAS

"A feira não supõe só o ponto de contacto periódico entre compradores e vendedores onde se compra vende; supõe também uma organização especial. O comércio para se desenvolver, para existir precisa de segurança, de garantia de protecção jurídica.

Por isso as feiras, obra do soberano ou do senhor territorial - da autoridade pública - tem

> uma norma jurídica, privilegiada, uma série de regras e estatutos relativos ao seu funcionamento"
>
> in Virgínia Rau

Este trecho é ilucidativo para compreendermos as inúmeras normas, previlégios e direitos que rodeavam as feiras.

Relacionando-se com aspectos económicos, administrativos, judiciais, as normas, previlégios e direitos abrangiam mercadores, simples visitantes, o recinto da feira, as vias de comunicação, etc..

Do ponto de vista económico várias eram as regras que regiam o funcionamento da feira e as transacções comerciais. Já nesta altura - Idade Média - as feiras eram uma enorme fonte de receita através dos vários impostos que sobre elas recaiam como aqueles que incidiam sobre a circulação de mercadorias e a portagem.

> "No nosso país, dizem os documentos que todas as mercadorias trazidas para vender na feira, pagavam portagens e todos os outros direitos pertencentes à corôa"
>
> in Virgínia Rau

"Os que incidem sobre as transacções como a dízima e a sisa"

in Virgínia Rau

"Os que provinham de aluguer de lojas, da licença paga pelos vendedores etc."

in Virgínia Rau

"Os que resultavam das penas pecuniárias pagas pelas contendas e delitos que directamente se relacionavam com a feira"

in Virgínia Rau

Esta grande variedade de normas e direitos fiscais que rodeavam as feiras prejudicavam quer o comércio interno, quer o desenvolvimento económico das regiões.

Assim, com o intuito de suprimir esses entraves fiscais, vai constantemente a feira pedir ao poder real a sua franquia, pois ficaria isenta das portagens e costumagens que tivesse a pagar quer às vilas quer à corôa.

Estes privilégios tinham muitas vezes por fim tentar remediar a escassez da população, (atraindo ou ten

tando "segurar" os seus habitantes), incrementar o comércio da região, ou então, pura intenção do monarca engrandecer.

Frequentemente o aparecimento de uma feira franquiada originou a decadência de outras que lhe eram próximas e não gozavam dos mesmos previlégios.

As feiras atingiram uma importância tal na vida económica da Idade Média que a certa altura a concessão de feiras e mercados deixou de precisar da autorização real, para passar a ser um direito dos senhores territoriais.

É juridicamente que a feira nos apresenta o seu aspecto mais curioso. É evidente que para a sua realização eram precisos mercadores, respectivas mercadorias e os necessários compradores., mas,para isso era necessário que estes fluxos de bens e pessoas se fizessem com a maior segurança, sendo assim instituida a Paz da Fiera.

A Paz da Feira, representada pelos mais variados símbolos, protegia todos aqueles que concorressem à Feira, fazia-se exercer não só no local da feira mas também na viagem de ida e volta.

Esta norma jurídica propunha-se também evitar que no recinto da feira houvesse distúrbios, proibindo todo o tipo de disputa e vingança.

"Por toda a Europa os feirantes gozavam de franquezas e privilégios importantes. O direito garantia-lhes não serem presos, nem perseguidos por qualquer delito durante o espaço de tempo que durava a Paz da Feira, exceptuando-se, no entanto os que fossem cometidos na própria feira"

in Virgínia Rau

1.4. IMPORTÂNCIA SÓCIO-CULTURAL

"As feiras não só contribuiram para a melhoria das relações económicas e jurídicas entre os homens mas apresentaram também um papel importante sob o ponto de vista social e cultural"

in Virgínia Rau

As feiras atraiam não só o homem da região como também o mercador de terras longínquas. Ela era um ponto de reunião importantíssimo que proporcionava não só notícias das regiões circunvizinhas, como também de lugares mais remotos.

O isolamento a que o homem do campo estava votado passa, a partir desta altura a ser frequentemente in-

terrompido pelas histórias, lendas, narrações de costumes exóticos, temas heróicos etc..

Há, pois, nesta altura uma certa aproximação cultural aos mais variados níveis.

As feiras proprocionavam a todos os que a visitavam uma série de divertimentos e distracções (bailes , torneios, jogos de azar, etc.), que eram realizados com o fim de atrair visitantes.

As feiras da época medieval marcam o fim do isolamento inter-regional, dá-se o início da aproximação cultural da Europa. Era nas feiras que se obtinham notícias sobre o que se passava pelo mundo, do resultado das colheitas das regiões circunvizinhas e de tantos outros assuntos que, então como hoje são a base do "cavaquear" do povo.

> "Em Março os ciganos voltaram. Desta vez traziam um óculo de alcance e uma lupa do tamanho de um tambor que exibiam como a última descoberta dos Judeus de Amesterdão"
> in "Cem anos de Solidão" Gabriel Garcia Marques

> "...arrastado pela febre dos ìmans, pelos cálcu

los astronómicos, sonhos de transmutação ânsi-
as de conhecer as maravilhas do mundo"
in "Cem anos de Solidão" Gabriel Garcia Marques

Estes dois breves trechos da obra citada, demonstram de uma forma peculiar o interesse das feiras, ao apresentar as novidades ao povo.

1.5. AS FEIRAS, SUAS RELAÇÕES COM O COMÉRCIO EXTERNO

As feiras portuguesas longe das Grandes vias do comércio Europeu apresentavam características diferentes das que se faziam na Europa Medieval.

A situação geográfica de Protugal no Sudoeste da Europa é significativa para mostrar as diferenças entre umas e outras.

Portugal não representava uma zona de grande produção nem tão pouco de trânsito terrestre, representava sim, uma zona de consumo pouco importante pela sua escassez de população em comparação com outros Países Europeus.

O comércio português punha-se essencialmente em contacto com as terras de Leão e Castela. Virgínia Rau na

sua obra "As feiras medievais Portuguesas" afirma ser possível generalizar ao nosso território muitas das coisas que vários autores têm escrito a propósito das feiras de Leão e Castela.

> "As palavras de Valdeavellano podem aplicar-se plenamente aos mercados e feiras Portuguesas, dadas as íntimas afinidades que existem entre as instituições vigentes em Leão - Castela e Portugal durante a Idade Média"
>
> in Virgínia Rau

Da mesma maneira, que nos outros países Europeus, as feiras multiplicaram-se em Portugal a partir do renascimento do comércio.

As rotas marítimas utilizadas pelos Normandos e os Cruzados tornaram-se as do comércio entre Portugal e a Europa Atlântica.

O comércio com o Mediterrâneo, nesta época medieval, teve as suas primeiras ligações devido a navegadores e comerciantes das cidades de Génova e Pisa. No entanto as relações Portugal - Mediterrâneo foram de algum modo passivas, foram mais levadas a cabo pelos italianos do

que por portugueses.

No entanto a regularidade do tráfico entre as cidades comerciais italianas e a Flandres foi de grande importância para o desenvolvimento comercial de Portugal.

Lisboa passou a ser uma importante escala, os navios italianos na rota de Flandres deixavam em Portugal produtos orientais, tais como especiarias e artigos de luxo.

Todos estes produtos, seriam comprados por mercadores portugueses, que os distribuiam por Portugal através das Feiras, que por este país se realizavam.

1.6. AS FEIRAS, SUAS RELAÇÕES COM A INDÚSTRIA

Na Idade Média não existia uma indústria na verdadeira acepção da palavra. Existia sim uma actividade transformadora de matéria-prima na forma de artesanato doméstico, destinado ao consumo local - moagem; fabrico de azeite; tanoaria; calçado; vestuário; etc. -

Por ter a forma de artesanato doméstico a mão-de-obra feminina auxiliava a masculina em certas actividades transformadoras, um exemplo é o fabrico da telha.

A "indústria" (se nos é permitido afirmar) con-

centrava-se em pequenas oficinas que eram ao mesmo tempo as lojas de venda. Cada loja era uma unidade artesanal onde existia o mestre e os obreiros.

A vinda de artífices estrangeiros veio, de algum modo, salientar e desenvolver a organização industrial portuguesa ensinando aos artífices técnicas mais evoluídas.

As indústrias em Portugal caracterizavam-se pela sua dispersão em todo o país, geralmente tinham como fim o consumo local.

Assim os mercadores formavam um importante elo de ligação entre as actividades artesanais, situadas de forma dispersa, e os centros que não tinham algumas "indústrias"; expondo os seus produtos nas feiras que nesses centros se realizavam.

2. DA EVOLUÇÃO PÓS-MEDIEVAL AOS NOSSOS DIAS

No século XIII o comércio a longa distância deixou de se centralizar exclusivamente nas feiras.

As feiras serviam para indicar lugares e datas favoráveis para a chegada de comerciantes de Veneza, Flandres e Bruges, grandes centros comerciais da época. As feiras eram um elo eficaz na organização comercial mas não o único nem o mais importante a partir desta altura. As feiras tornaram-se numa espécie de "exposição universal" que reunia regularmente e em que se efectuavam trocas de mercadorias, transferências de fundos, etc..

Neste século o número de feiras era já de 30 , distríbuidas por todo o território Nacional.

Nos primórdios do século XV dá-se na Europa uma transformação profunda sob o ponto de vista económico. O capitalismo faz progressos constantes com a difusão e a intensidade do grande comércio, devido ao alargamento do espaço geográfico. Caminha-se para condições de vida inteiramente diferentes.

A função da feira foi assim absorvida pelas cidades mercantis com as suas feitorias, armazéns, bancos,

etc.. O desenvolvimento dos transportes marítimos deslocou os grandes centros mercantis para os portos onde as mercadorias eram armazenadas antes de se dividirem pelos mercados e pelas feiras.

Nos séculos XIV e XV, devido aos factores acima referidos, certas feiras enfranqueceram mas fizeram-no não em prejuízo do sistema mas em benefício de outras que devido à sua acessibilidade ou localização priveligiada, preenchiam melhor a função económica.

Todos estes factores faziam influênciar negativamente as feiras, mas tal não aconteceu pois nesta época elas continuaram a aumentar sendo já 95.

Assim o papel das feiras como elemento básico do comércio internacional não durou muito tempo. No entanto, o seu papel nacional e regional, vem até aos nossos dias. Foi na categoria de regionais que as feiras chegaram aos tempos contemporâneos verificando-se uma renovação da sua utilidade. No início desta época as feiras são sempre requeridas pelas assembleias de "fidalgos do povo" de uma vila que alegavam como motivos justificativos a vantagem de uma feira para regularizar o abastecimento e a venda.

Nesta época as feiras tiveram um novo aumento, ha

vendo cerca de 400 feiras quer semestrais, quer anuais.

As grandes dificuldades nas comunicações (existentes desde a queda do Império Romano), originadas por más estradas e meios de transportes lentos, não permitiram o desenvolvimento do comércio interno, fazendo com que as economias regionais subsistissem em paralelo com uma economia Nacional que começava a dar os primeiros passos sob os impulsos dos caminhos-de-ferro no século XIX. Por essa razão as feiras representaram um papel importante em Portugal até bastante tarde o que faz com que ainda hoje existam e tenham importantes reflexos nas economias locais.

A partir desta altura a feira além da componente regional passa também a reflectir a abertura ao comércio Nacional.

Assim no século XIX e século XX, a função económica da feira conservou-se, apresentando-se dinâmica.

A situação actual das feiras Portuguesas é bastante diferente daquelas que anteriormente descrevemos. Para além da supressão de muitos dos previlégios que foram concedidos, quer às feiras quer aos mercadores e povo que a elas afluía apresentam hoje em dia durações e periodicidades, as mais variadas.

A par das manifestações semanais, quinzenais e mensais que as feiras hoje em dia na maior parte apresentam, subsistem também as feiras anuais, que frequentemente coincidem com as festas tradicionais religiosas, no intuito de atrair forasteiros e onde se procura promover diversos produtos nacionais e/ou regionais.

Assim, hoje em dia existem dois tipos de feiras: o 1º tem objectivos comerciais, apresenta artigos produzidos e regista encomendas, o 2º visa a apresentação das principais produções de um país ou uma região e as suas possibilidades.

Para o 1º tipo podemos dar o exemplo da feira Anual do Artesanato em Barcelos, a feira Comercial e Industrial de Coimbra, etc.. Para o 2º tipo um exemplo actual é a feira Nacional das Regiões, realizada no decorrer deste ano, nas instalações da F.I.L. (Feira Internacional de Lisboa), em que houve a salutar tentativa de juntar e promover nos mais variados aspectos, as regiões de Portugal nas suas riquezas naturais e económicas.

BARCELOS E O SEU CONCELHO

II

1. A CIDADE DE BARCELOS

1.1. EVOLUÇÃO ADMINISTRATIVA

1.2. ENQUADRAMENTO REGIONAL

1.2.1. INTRODUÇÃO

1.2.2. SITUAÇÃO E RELAÇÕES ECONÓMICAS

1.3. ECONOMIA REGIONAL

1.3.1. SECTOR PRIMÁRIO

* ORDENAMENTO AGRÍCOLA DO CONCELHO

1.3.2. SECTOR SECUNDÁRIO

A - TEXTIL

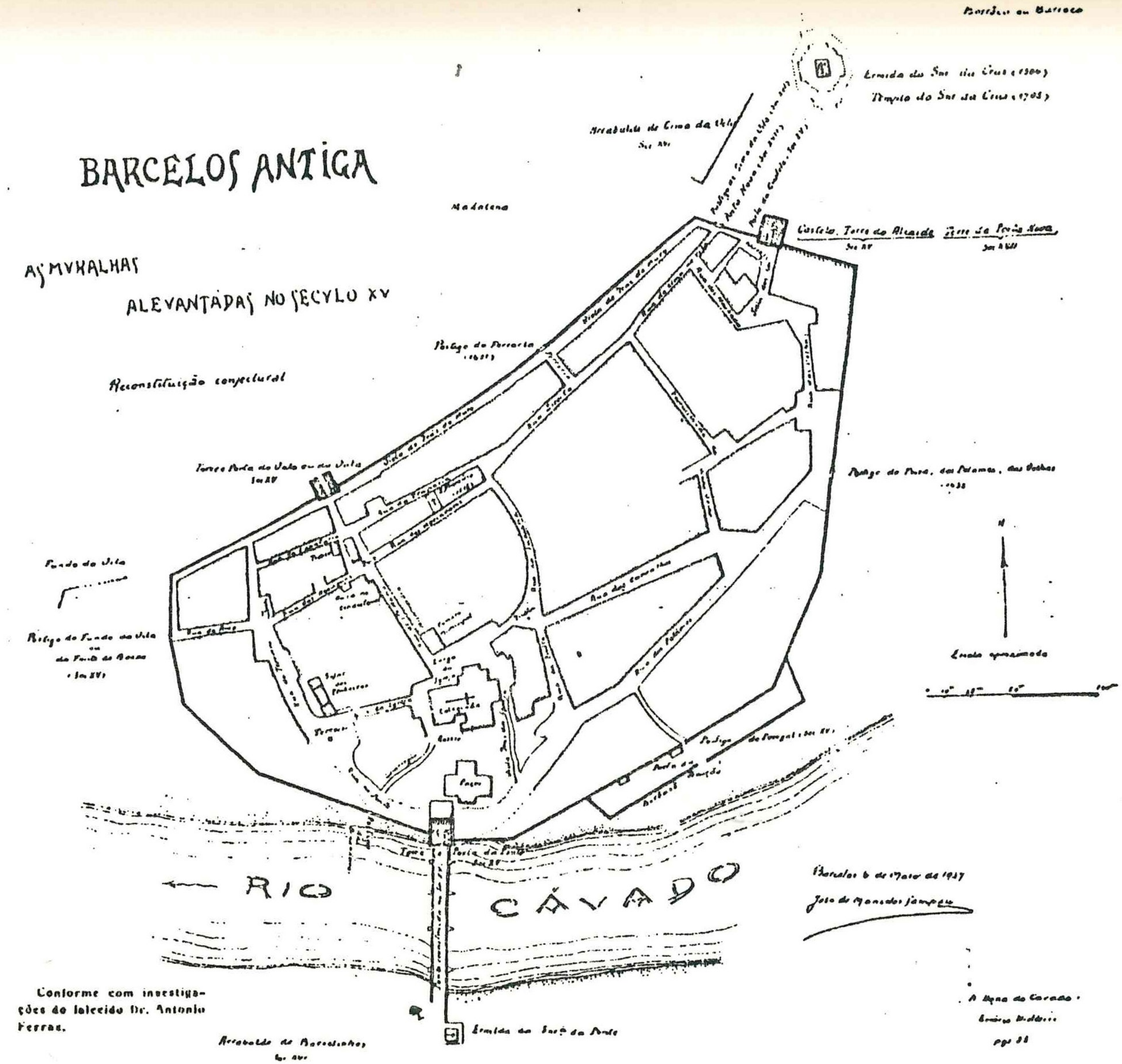
B - CALÇADO

C - CERÂMICA E OLARIA

* INDÚSTRIA ARTESANAL

1.3.3. SECTOR TERCIÁRIO

C. M. B.
BIBLIOTECA


BARCELOS ANTIGA
AS MURALHAS
ALEVANTADAS NO SECULO XV
Reconstituição conjectural
Madalena
Castelo, Torre do Alcaide
Rua dos Carvalhos
RIO CÁVADO
Conforme com investigações do falecido Dr. Antonio Ferraz.
Ermida da Srª da Ponte
Fundo da Vila
Escala aproximada

BARCELOS E O SEU CONCELHO

II

1. A CIDADE DE BARCELOS

1.1. EVOLUÇÃO ADMINISTRATIVA

Barcelos foi a 1ª terra de Portugal elevada a condado por D. Dinis em 1298, sendo também elevada a duca do em 1572 por D. Sebastião.

A vila de Barcelos após sucessivas reformas administrativas, encontrava-se em 1836 além de Sede do Concelho, como comarca de 1ª classe. Possuía por essa altura 195 freguesias das quais lhe foram retiradas 106 por sucessivas reformas.

É finalmente em 1928 elevada a cidade, possuindo hoje em dia apenas 89 das suas antigas freguesias.

Esta cidade situa-se no Noroeste de Portugal fazendo parte da província do Minho e dependendo administrativamente do Distrito de Braga.

O concelho apresenta, hoje em dia, uma população de 100 mil habitantes, cabendo a Barcelos e freguesias limítrofes cerca de 25 mil desses habitantes

1.2. ENQUADRAMENTO REGIONAL

1.2.1. INTRODUÇÃO

A existência em redor de toda a região de Barcelos, de vestígios da passagem de Fenícios[1], de Romanos[2] e de muitos outros povos, evidencia a existência de um trânsito comercial e humano de importância a não menosprezar.

Barcelos constituia um dos pontos mais favoráveis para a realização de trocas comerciais em virtude de se situar numa àrea de fronteira entre o litoral e o interior.

Por ser banhado pelo rio Cávado, então navegável, Barcelos era ainda local obrigatório de passagem para o vale e montanhas[3] do interior de todos aqueles que se serviam do Cávado com fins comerciais, ou seja para promoverem os seus produtos e trocarem-nos com os das populações do vale e da montanha.

Mas já lá vão os tempos em que o Cávado era limpo e navegável e por aí se fazia o comércio.

Como todos os rios, fomentou de algum modo as regiões que percorria. Deixando de ter importância como meio de comunicação desde há muito, não perdeu contudo a

sua importância no desenvolvimento da região.

Favoreceu, em tempos remotos, o aparecimento de certas indústrias - descasque do linho e moagem - tendo sempre um papel importante na irrigação dos terrenos, sem a qual seria impossível uma ocupação intensiva do solo.

Hoje, tornou-se o "cano de esgoto" de inúmeras fábricas, especialmente das tinturarias o que não favorece em nada a vida aquática, muito diversificada, prejudicando a agricultura junto ao rio e um certo número de actividades piscatórias que se exerciam como complemento económico.

É ainda hoja da maior importância na produção de energia eléctrica, (Barragem hidroeléctrica do Cávado, Penida), fornecendo a electricidade necessária à iluminação pública das cidades de Barcelos e Braga.Barcelos hoje em dia assume-se como local importante na distribuição e circulação dos produtos da região.

1. Encontram-se vestígios deste povo nas vestes dos Sargaceiros da Àpulia.
2. Por toda este região os Romanos deixaram verdadeiros vestígios da sua passagem: Pontes . estradas, portos fluviais são disso testemu-

nho.

O próprio nome da cidade vem da palavra roma na BARCA-CELLI.

3. Vários povos estabeleceram trocas comerciais com a região de Barcelos, pois esta era rica em metais preciosos. Ainda hoje existem minas de ouro na região, embora de exploração não rentável.

1.2.2. SITUAÇÃO E RELAÇÕES ECONÓMICAS

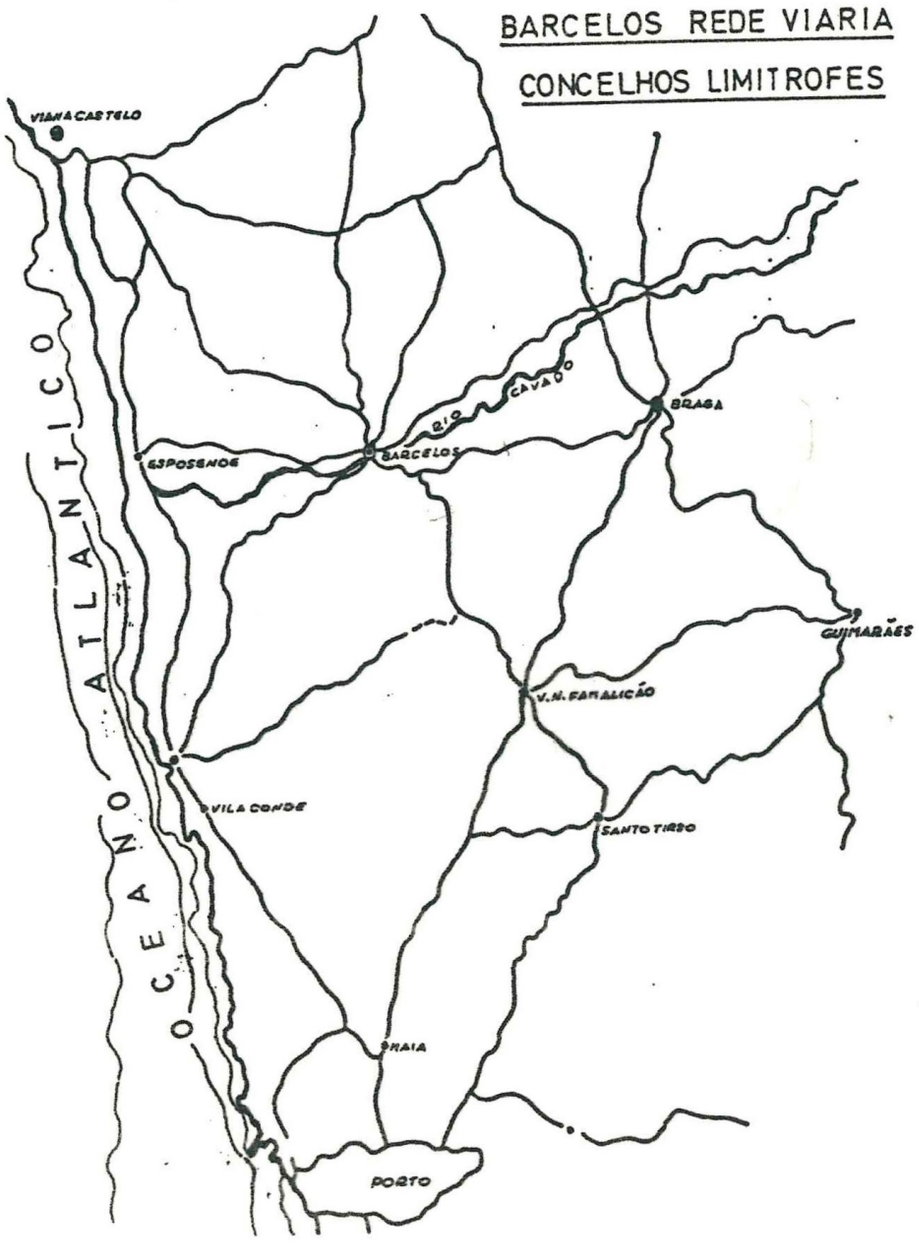
Localidade de situação priveligiada no Minho litoral, concorrendo para isso o facto de ser ponto de passagem obrigatório, nas mais diversas direcções entre o interior e o litoral (ver mapa I).

A sua posição central na região é perfeitamente compreensível se tivermos em conta que o seu concelho faz fronteira com sete concelhos - Viana do Castelo, Ponte de Lima, Vila Verde, Braga, Vila Nova de Famalicão, Póvoa do Varzim, Esposende - e dois Distristos, Viana do Castelo e Porto.

Por esta razão a cidade apresenta-se como um nó viário da mais alta importância (ver mapa I) e a ela aflu em nove estradas Nacionais com trânsito relativamente intenso, mostrando bem a força económica da região.

Continua a assumir, esta cidade, um papel importante nas trocas comerciais entre o Mar, as planícies de abrasão marinha e o relevo mais movimentado do interior.

Distando apenas 19 Km de Braga, 19 Km de Famalicão, 21 km da Póvoa do Varzim, 14 Km de Esposende, 30 Km de Viana do Castelo, etc., facilmente se poderá pôr em contacto com elas e vice-versa, pois com os novos meios de


BARCELOS REDE VIARIA
CONCELHOS LIMITROFES
VIANA CASTELO
OCEANO ATLANTICO
RIO CAVADO
BRAGA
ESPOSENDE
BARCELOS
GUIMARÃES
V.N. FAMALICÃO
VILA CONDE
SANTO TIRSO
PRAIA
PORTO

transporte são distâncias que se poderão vencer fácilmente em muito pouco tempo; por isso toda este região apresenta um trânsito comercial muito dinâmico e intenso.

De todos os concelhos que lhe fazem fronteira são os do Norte (Viana do Castelo, Ponte de Lima, Vila Verde), aqueles que menos comparticipam para o comércio da região, o mesmo sucedendo para o caso da feira de Barcelos.

Os concelhos de Braga e Vila Nova de Famalicão, já fortemente industrializados são talvez aqueles que mais relações económicas mantêm com Barcelos, Braga apresenta-se ainda como grande centro consumidor de muitos produtos comerciais e de produtos hortícolas expostos na Feira.

Os concelhos da Póvoa do Varzim e Esposende, centros piscatórios e agrícolas muito importantes, contribuem essencialmente para o abastecimento diário dos mercados da região.

Analisando apenas o concelho de Barcelos, fácilmente observamos que as freguesias mais distantes encontram-se entre 10 e 15 Km, no máximo. Assim, qualquer freguesia do concelho em condições de trânsito normais poderá por-se em contacto com a cidade entre 10 a 15 minutos. Podemos pois afirmar que Barcelos tem condições de grande acessibilidade.

Estamos convencidos que estas sucessivas vitorias alcançadas pelos meios de comunicação, essencialmente no capítulo da velocidade e qualidade de transporte foram de grande importância para a redução da distância-tempo entre as freguesias e Sede de Concelho originando, uma cada vez, maior comparticipação da região em qualidade e quantidade nas actividades comerciais, em especial na Feira a partir dos anos 60.

Barcelos foi desde sempre um concelho vasto e rico em recursos naturais, humanos e económicos, mantendo sempre intacta a sua importância como local de passagem obrigatório de inúmeros produtos.

A feira semanal de Barcelos reflecte os factores acima referidos mantendo-se desde sempre muito importante na região.

1.3. ECONOMIA REGIONAL

1.3.1. SECTOR PRIMÁRIO

É ainda hoje o sector mais representativo, dado que toda a região apresenta um forte cunho agrícola. Não deixa, no entanto de ser verdade que grande parte desta actividade se orienta para o auto-consumo.

A exploração agrícola assenta em três tipos de produção que comandam a geoeconomia agrária, desta região:

a) O milho associado ao campo-prado, é a cultura arvense mais comum por todo o Minho. Esta cultura está associada ao feijão, que se lhe enrola no caule, à abóbora e a muitas outras espécies agrícolas.

   Cultura de regadio no Verão, alterna com prados regudos no Inverno o que mostra a importância que o gado tem por todo o concelho.

b) Se o recurso à força animal diminuí com o desenvolvimento da mecanização, a verdade é que o gado bovino e suíno continua a desempenhar um importantíssimo papel no equilíbrio económico dos agricultores, pois a produção de leite e de carne é nalguns casos o seu sustento económico.

c) A vinha alcança no concelho, produções cada vez mais significativas, sendo a cultura ar-

bustiva mais difundida, ocupa na generalidade as àreas de divisão entre os Campos - Prados.

Esta espécie, juntamente com a produção de gado, ocupa grande número de agricultores sendo a cultura mais importante na Geoeconomia agrícola.

No entanto a agricultura é variada, sendo a produção de cereais, como o centeio e o trigo ainda hoje corrente, se bem que diminuta em relação ao milho.

Entre as leguminosas, o feijão, a fava e a ervilha são as que mais se destacam. Nem que sejam só para auto-consumo, os produtos hortícolas existentes na maior parte das unidades produtivas, distribuindo-se frequentemente por pequenos quintais em redor das habitações. Estes produtos são variados: batata, beterraba, hortaliças, frutas, etc..

As àrvores frutíferas têm, hoje em dia, um papel pouco relevante se bem que sejam de grande variedade. Macieiras, Figueiras, Cerejeiras, Laranjeiras, etc... existem por todo o Concelho.

Segundo o testemunho de alguns agricultores a pomicultura nunca os interessou, em virtude de não ocupar áreas muito grandes o que implica pequena produção e por outro lado "tentava muito os vizinhos".

Convém ainda salientar na flora existente, aquela que tem maior aproveitamento industrial. Desta o Pinheiro, o Eucalipto, a Nogueira, o Castanheiro, o Carvalho, a Oliveira e o Linho são as espécies mais importantes.

O Pinheiro tem nesta região grande importância pela sua utilidade no fabrico de móveis, e pela resina que dele se extrai. O Eucalipto devido ao seu curto ciclo vegetativo, ocupa espaços cada vez mais vastos, pode tornar-se num sério problema devido ao seu grande consumo de àgua. A principal utilidade desta espécie encontra-se no fabrico de celulose.

A Nogueira e o Carvalho embora em fase de regressão apresentam uma madeira de alta qualidade, utilizada essencialmente na construção de mobílias.

A Oliveira, hoje em dia a descrescer continuamente de importância não deixa no entanto de contribuir para a economia local, com o seu aproveitamento para o fabrico de azeite.

Por último, o linho, outrora associado ao milho, era uma

das culturas da maior importância no fabrico dos mais variados tecidos . Esta cultura encontra-se na actualidade, numa fase de decadência, a sua reduzida produção tem como finalidade "alimentar" a pequena indústria artesanal de tecidos.

* ORDENAMENTO AGRÍCOLA DO CONCELHO

O povoamento disperso que caracteriza toda esta àrea e a modesta importância de Barcelos como centro consumidor originaram que a cidade tivesse tido pouca importância no ordenamento das actividades agrícolas em seu redor.

Barcelos como centro consumidor não criou exigências, qualitativas e quantitativas, de determinados produtos que obrigassem os produtos em redor a reestruturar as suas unidades de produção, visando abastecer a cidade desses produtos com custos mais baixo possível.

A ocupação do solo não segue, por isso, nenhuma regra especial exigida pelo mercado citadino, inclusivamente o modo de utilização do solo apresenta-se intensivo em todo o concelho.

Todo o concelho desde a àrea sub-urbana às freguesias mais afastadas, apresenta uma grande uniformidade no modo de ocupação do solo, e a haver diferenças, elas são na generalidade provocadas por razões Naturais (planície e montanha).

Uma análise do Mercado e a Feira semanal, mostra-nos que ao nível dos cereais, produtos hortícolas e fruta, a comparticipação do concelho é relativamente fraca (o que vem comprovar a sua característica de subsistência) e uniforme. São, hoje, as àreas do litoral, especialmente o concelho de Esposende, que abastece a cidade de produtos frescos através do mercado ou da feira.

1.3.2. SECTOR SECUNDÁRIO

Da variada indústria artesanal que se encontrava implantada, nos primórdios deste século, no concelho de Barcelos, sómente a olaria e a cerâmica se conseguiram impôr às exigências do comércio actual.

Hoje em dia, a actividade industrial do concelho, encontra-se repartido por três actividades principais. São elas:

A - a textil

B - a do calçado

C - a da cerâmica e olaria

Estas três actividades ocupam uma percentagem muito significativa da população do concelho, especialmente a jovem, que prefere a actividade industrial em desfavor da agrícola pois esta é à partida mais gratificante .

Os problemas actuais da indústria no concelho de Barcelos estarão agora, na capacidade de dar resposta às transacções comerciais trazidas pela C.E.E..

A maior competitividade trazida por esta nova experiência leva-nos, por um lado a termos de associar a uma mão-de-obra barata, uma qualidade superior dos produtos, isto é, mais aceitável face a um mercado comum Europeu mais exigente. Por outro lado, e já no campo das importações, terá de ser conseguida uma compensação para que o baixo preço de custo associado a uma superior qualidade dos produtos não venha a arrasar a grande maioria das pequenas unidades fabris da região, pois a médio prazo estas não vão conseguir estabelecer uma competição que só irá, provavelmente, ser conseguida pelas grandes unidades fabris de número reduzido neste concelho.

A - TEXTIL

Datam dos anos 50 as primeiras empresas têxteis de grande vulto, que se implantaram em Barcelos.

Situavam-se, nesta altura, numa área que podemos considerar urbano. A partir dos anos 70 dá-se o alargamento destas áreas às freguesias limitrofes (mapa II , cor azul).

A proliferação das pequenas indústrias sem qualquer planificação não foi de modo algum benéfica para a região em virtude de não apresentar qualquer vantagem competitiva a nível económico.

O exemplo que se segue é elucidativo do problema da não planificação das áreas industriais.

A casa que actualmente se constrói no Minho, um misto da casa rural com influências estrangeiras, tem ainda certas semelhanças com as ancestrais que se construiram segundo as necessidades impostas pela agricultura: o rés-do-chão era então uma vasta loja onde habitava o gado , se guardavam as alfaias agrícolas e por vezes o

vinho e, habitava-se o 1º andar. Hoje, em muitas das casas que se constroem segundo este tipo, o rés-do-chão não é deixado livre, continuando a habitar-se sómente o 1º andar não pelo facto de as pessoas se dedicarem à agricultura, mas sim porque é aqui, na loja, que se vão instalar duas ou três máquinas têxteis e eis que se forma uma pequena unidade fabril, que geralmente conduz os seus produtos até às feiras da região.

Esta contribuição das pequenas unidades fabris "domésticas" não deixa de se fazer notar na feira de Barcelos em que a àrea destinada aos têxteis tem vindo a aumentar desmesuradamente.

B - CALÇADO

Esta actividade ocupa uma àrea pequena e abrange um número também pequeno de unidades. Destas unidades, algumas estão viradas para a exportação, outras para o mercado interno.

A indústria do calçado desta região situa-se, principalmente, nas freguesias de S. Paio de Carvalhal, Pereira e Àlveolos, situadas na margem

sul do Cávado.

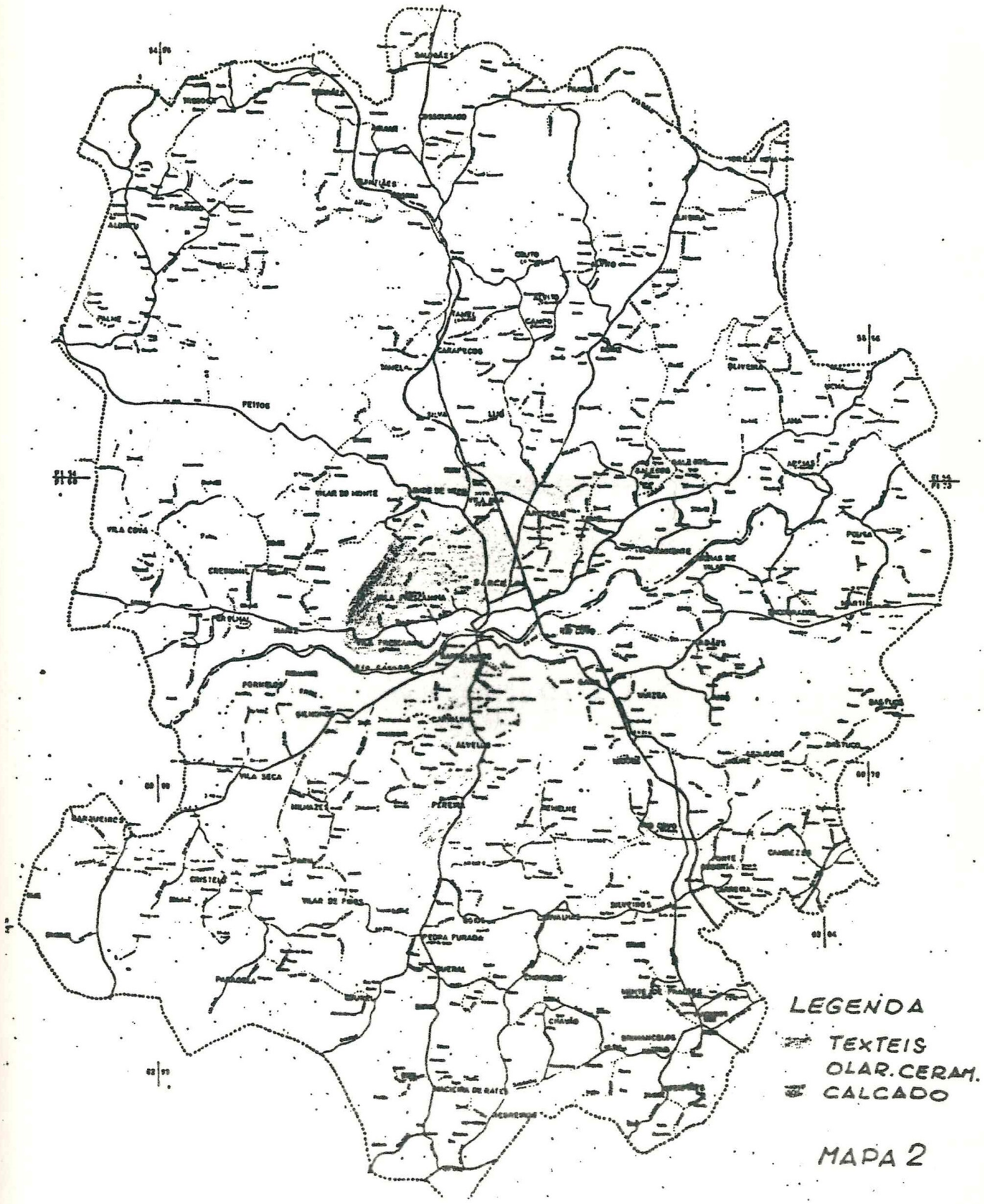
O fabrico do calçado, utilizando a madeira como principal matéria-prima, tem tido um papel importante na exportação, especialmente para os Países Baixos.

C - OLARIA E CERÂMICA INDUSTRIAL

Esta actividade é, na realidade, a mais importante, e é aquela que tem levado mais longe o nome da cidade e concelho de Barcelos.

Situando-se numa àrea bem delimitada, (mapa II , cor amarela) desenvolveu-se a partir da olaria e cerâmica artesanal. Hoje tem em vista o abastecimento do mercado interno e externo . Teve assim necessidade de se adaptar a grandes produções, recorrendo a moldes, fornos eléctricos e à pintura industrial.

Assim, são muitos poucos aqueles que se dedicam à olaria e à cerâmica tradicional, na qual moldavam e pintavam à mão as peças.



MAPA 2

* INDÚSTRIA ARTESANAL

O concelho de Barcelos é considerado dos mais ricos do país, pela diversiadde e quantidade de produtos artesanais.

Nas suas 89 freguesias são produzidas as mais variadas manifestações de arte popular. Olaria e cerâmica, cestaria, jugos, rendas de crivo, tecelegem em linho, rocas, fusos, gamelas, etc., são algumas das muitas actividades artesanais.

A reconversão da indústria portuguesa relegou para segundo plano todas estas actividades, acima referidas, muitas delas milenárias, que só com muitas dificuldades chegaram aos nossos dias.

No entanto o turismo e uma gradual abertura do comércio externo, a estas actividades, abriram novas perspectivas ao artesanato que tem tentado impôr-se, através da sua Feira Anual.

A observação do mapa III, facilita-nos o estudo da distribuição espacial de todas estas actividades artezanais, que em maior ou em menor número se encontram semanalmente na Feira.

ARTESANATO

1. Olaria e Cerâmica
2. Jugos e Rodeiros
3. Cestaria
4. Vestuário de Junco
5. Chapéus de Palha
8. Trabalhos em Cobre
9. Tecelagem
10. Rocas e Fusos
11. Latoaria
12. Mobiliário

1.3.3. SECTOR TERCIÁRIO

O comércio e serviços que Barcelos oferece, reflectem as necessidades que a região exige. Este sector serve aproximadamente uma população de 100 mil habitantes, mas não é muito especializado, pois, para a aquisição de alguns artigos e serviços é necessária a deslocação a Braga ou ao Porto.

São alguns os SERVIÇOS que Barcelos oferece e aos quais todo o concelho está subordinado;

Escolas primárias e secundárias, tribunais, finanças, Câmara, Associações Comerciais e Industriais, Hospitais, Profissões Liberais, são alguns dos serviços.

O COMÉRCIO Barcelense é o comércio típico de uma cidade de província. Possui o indispensável para assegurar as necessidades do concelho e da cidade; Serviço de cafetaria; Hotelaria; pronto a vestir, Livrarias, Comércio de imóveis, Relojoaria, armazéns de cereais e rações, serviços de decoração, etc .. Três centros comerciais englobam diversas actividades comerciais.

As 89 freguesias do concelho de Barcelos apresentam todas um sector terceário com o mínimo indispensável: Junta de Freguesia, Escola Primária, Mercearia-Taber

na ou Mercearia-Café. As mercearias têm, nestes casos, uma variada gama de produtos que nos centros urbanos possuem lojas especializadas - artigos de papelaria, artigos de mercearia, rações, padaria, gáz, etc,-

O comércio do concelho de Barcelos é muito curioso, as existências de várias freguesias muito próximas e o não planeamento comercial leva as freguesias a estarem muito dependentes umas das outras, completando-se. Na maioria delas ao comércio básico associam-se uma ou duas actividades do mais variado tipo como por exemplo - farmácias , funerárias, loja de Electrodomésticos, etc.-

Em algumas, no entanto, por obrigatoriedade de acompanhar o desenvolvimento industrial, urbano e humano, encontra-se já actividades mais diversificadas.

Nestes casos passaram a ter a função de abastecer a àrea em seu redor, as pessoas preferem por vezes deslocar-se a essas freguesias a esperar pela 5ª feira, dia de Feira em Barcelos, para tratarem na cidade das aquisições.

Assim freguesias do concelho de Barcelos podem-se dispôr do seguinte modo.

1º grupo - Bordega a cidade, Arcozelo, Vila Fres-

cainha, S. Martinho e Carvalhal são alguns exemplos. Reflectem o aumento da àrea urbana e da população.

2º grupo - É formado pelas freguesias que situam a meio caminho entre a cidade de Barcelos e a fronteira do concelho. Foram deste numeroso grupo favorecidas, aquelas que eram percorridas pelas estradas nacionais. São exemplos, Vila Seca, Pereira, Galegos e Várzea.

3º grupo - Localiza-se no limite do concelho, é o caso de Negreiros, Viatodos, Barqueiros, também na maioria dos casos percorridos por estradas nacionais.

4º grupo - Neste grupo, incluímos, aquelas freguesias que se situam arbitrâriamente pelo concelho, e que acompanham a industrialização. Possuem estas freguesias um número de habitantes mais volumoso. Areias, Galegos, Àlveolos são alguns exemplos.

A FEIRA DE BARCELOS

III

1. PRIMÓRDIOS DA FEIRA
2. EVOLUÇÃO DO SÍTIO DA FEIRA
   * MILAGRE DA CRUZES
3. PROBLEMA DA PERIODICIDADE
4. A FEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX
5. A FEIRA E A SUA IMPORTANCIA SÓCIO-CULTURAL

IV

1. A FEIRA DE BARCELOS; A DA MEDIDA GRANDE
   1.1. O DIA DE FEIRA
   1.2. QUEM A VISITA
   1.3. A FEIRA E O COMÉRCIO CITADINO

2. A ADMINISTRAÇÃO DA FEIRA
   2.1. OS LUGARES
   2.2. MODALIDADES DE PAGAMENTO
      * CASOS ESPECIAIS
      * RESTANTES CASOS
      * CONCLUSÃO

3. OS FEIRANTES

 * OS FEIRANTES DE FORA DO CONCELHO

4. APRESENTAÇÃO DO RECINTO E PRODUTOS DA FEIRA

5. A METRAGEM

6. A FEIRA DE BARCELOS E AS FEIRAS DA REGIÃO

7. A FEIRA DO GADO

A FEIRA DE BARCELOS

III

1. OS PRIMÓRDIOS DA FEIRA

O aparecimento da feira de Barcelos data de 1412. Foi concedida por D. João I em carta de 19 de Fevereiro do mesmo ano, a pedido do Conde de Barcelos D. Afonso, seu filho.

> "... D. João I concedeu ao concelho de Barcelos uma feira franqueada anual, de quinze dias, de 1 de Agosto até ao dia de Santa Maria de Agosto "por noyte", pois tivera informação que nesse tempo ela não prejudicaria as outras feiras, "que se fazem ", e concedeu também que essa feira gozasse todos os privilégios e franquias que tinha a de Trancoso"
>
> in Virgínia Rau

Se bem que muito explícita esta transcrição, merece da nossa parte alguns comentários.

Estranhámos o porquê da concessão de uma feira

anual franqueada. Se o seu franqueamento se poderá compreender, visto o Conde de Barcelos ser filho do Rei, a periodicidade da feira torna-se um pouco mais díficil.

Um estudo mais detalhado da periodicidade e duração das feiras em redor, satisfaz a nossa dificuldade.

Além de a feira de Barcelos ser das poucas franqueadas no Minho, era a única de realização anual. Assim, devido à sua duração e privilégios, talvez pudesse trabalhar com um certo tipo de mercadorias não existentes nas feiras circundantes.

De salientar o cuidado na concepção de feiras, em se verificar se a data não iria prejudicar outras próximas.

> "Mas antes de marcar o dia exacto em que, ela se deveria fazer, ordenou el-rei a Domingues Anes Maria, seu contador, que se informasse junto de 2 ou 3 homens bons da vila em que dias havia feiras nos arredores "e fazede fazer esta em tal dia que nom faça prejuízo a ellas"
>
> in Virgínia Rau

Esta transcrição refere-se à Feira de Vila da

Feira que passou a gozar de previlégios e franquias tal e qual como a de Trancoso. Esta feira anual foi das mais importantes na Beira, as suas regalias e previlégios, serviram até ao aparecimento da Feira de Tomar, de base para a instituição de várias Feiras franqueadas.

Sofreu a Feira de Barcelos, várias alterações ao longo dos tempos.

Começando por realizar-se nos primeiros quinze dias de Agosto, não obedeceu muito a tempo a este calendário, pois pouco depois, em 1427, passou a realizar-se em Outubro, oito dias depois da feira do Ladario "Laadario", feira esta anual e de duração mensal.

Não foi desta vez que a data se manteve, pois em 1455 realizava-se entre Maio e Junho, primeiros 10 dias antes e 4 depois da Festa de Corpo de Deus, e mais tarde 7 dias antes e 8 depois da referida festa.

Embora fosse feira franqueada, os seus previlégios foram continuamente actualizados com o aparecimento da Feira de Tomar, 1420 e feira de Montemor-o-Velho, 1426.

2. EVOLUÇÃO DO SÍTIO DA FEIRA

De toda a Biblografia que sobre Barcelos foi consultada, nada nos diz acerca do local onde se efectuaria a Feira nos primórdios da sua realização. Nas Cartas de Feira, raramente era referido o local onde o soberano mandava que a Feira tivesse lugar. Assim, possívelmente, seria às entidades locais que competiria escolher o local mais vantajoso.

É de supor que se fizesse intra-muros, já que são vários os decretos Reais insistindo, para que numerosas feiras tivessem local dentro da cidade.

> "Esses locais parece terem sido quase sempre intra-muros (pelo menos até ao fim do século XIV), quer no Castelo, na Cerca, numa Praça, ou num chão dentro da povoação"
>
> in Virgínia Rau

A partir do século XIV, quer as feiras, quer muita população, comprimida dentros dos muros do Castelo, é arrastada para fora, para locais mais espaçosos.

São vários os livros consultados, que fazem re-

ferência à Praça do Apoio, como local até onde 1827 se terá feito o mercado público e diário de hortaliças, frutas e aves. Esta praça tornando-se insuficiente, foi abandonada, passando sucessivamente a realizar-se no Largo da Porta do Valle (1), Praça do Calçado (2) e em 1863 na Nova Praça do Mercado, mandada construir pelas entides locais.

Hoje em dia esta Praça do Mercado já não existe (3), realizando-se o mercado ligeiramente mais a Oeste, no Mercado Municipal.

O Padre Domingos Joaquim Pereira, no seu livro "Memória Histórica da Vila de Barcelos", referindo-se aos vários campos que a vila possuía, adianta-nos algo sobre a situação da Feira no século XIX. Segundo este autor, no Campo de S. José, antigamente campo da Madalena, referenciado na Carta I, situado extra-muros da vila, realizar-se-ia a Feira de todo o gado e onde em 1927 se fazia sómente a do gado suíno. No campo dos Touros fazia-se a feira da louça e no Campo da Feira vendia-se o gado vacúm e todas as outras coisas caracteríticas da Feira, já então semanal, era característica a sua dispersão por três campos da cidade.

Também José Mancelo Sampaio refere o campo de S. José como local onde outrora se realizaria uma feira semanal de Gado. Segundo as suas palavras "é fama ter-se transferido para este largo o mercado semanal do Campo da Feira, quando nele apareceram as cruzes".

Baseando-nos nestes escritos, será então de supôr que em 1504 (Milagre das Cruzes), a feira já se realizaria extra-muros, pois foi aí que apareceram as cruzes. Se a sua realização era feita fora da vila, era porque a feira tinha já uma certa importância, pois no seu interior não existiam grandes espaços para acolher uma feira de tal envergadura.

* MILAGRE DAS CRUZES

"Numa sexta-feira, 20 de Dezembro de 1504, nove horas da manhã, o sapateiro João Pires teve a visão duma cruz Preta no chão, de três covados e meio de comprido, e dois covados e três quartos de ancho e de largura a quadra dela de um palmo e em todo por igual.

in Frei Pedro de Poyares

O aparecimento das cruzes no cimo da vila vai ser de grande importância para a feira.

Logo após a difusão deste acontecimento, este local converteu-se em ponto de encontro de Romaria, que no entanto foi deslocada para Maio, pois é quando nesta região, essencialmente agrícola, a vegetação entra na florescência e uma maior quantidade de produtos agrícolas estão prontos a ser expostos.

Apesar de como foi referido anteriormente, a feira se distribuir por três sítios diferentes em 1927, hoje em dia ela realiza-se no Campo da República onde em 1504 apareceram as cruzes.

(1) Esta Porta que data do século XV foi demolida, pois por aí rompeu um novo traçado duma estrada - Rua que liga Barcelos a Esposende.

(2) Esta Praça que na altura servia de Mercado diário foi também, em parte, demolida para aí passar uma estrada.

(3) Esta Praça tornou-se insuficiente para as

necessidades da população, deste século, sendo hoje um jardim, "Praça de Pontevedra".

3. PROBLEMAS DA PERIODICIDADE

Numa das duas bibliográficas consultadas considera-se o culto das cruzes como responsável pela passagem a semanal da Feira de Barcelos.

> "Entendo ainda mais que do culto ao Senhor da Cruz derivou a Feira Semanal de Barcelos, porque não foi dado a encontrar referência alguma concreta, e ainda menos documental, à concessão de Feira Semanal anteriormente às notícias sobre as feiras Barcelenses posteriores ao Milagre das Cruzes"
>
> in José Mancelos Sampaio

Segundo o autor citado a existência de um mercado semanal de gado na Madalena (hoje campo de S. José) não é suficiente para afirmar que a Barcelos fora concedida uma feira ou mercado semanal concelhio, regalia em regra constante de Carta Régia, como aconteceu com a Viana do Cas

telo.

O que é certo, é que Barcelos se terá convertido num dos mais importantes mercados do país, com a particularidade de ser semanal. Já nessa altura a diversidade de produtos, o valor das transacções e as variadas indústrias artesanais, faziam da Feira um acontecimento deveras importante para a região.

"Para as cruzes se adiam negócios, merendas, ofertas, e pedidos ... de amor"

in José Mancelos Sampaio

4. A FEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

A Feira do início deste século e do fim do século passado apresentava características obviamente diferentes. As grandes dificuldades nas comunicações devido a más estradas e a meios de transporte lentos originava a existência de várias economias regionais. A rede ferroviária que se criava não possuindo a densidade da rede viária não podia quebrar o sistema económico vigente nas diversas regiões. Por esta razão as feiras representavam um papel muito importante em Portugal o que faz que ainda hoje existam e tenham reflexos importantes na economia local.

Pelo início do século a feira de Barcelos vivia então da região e para a região. O número de participantes, quer feirantes, quer visitantes era reduzido como também o volume e a variedade das mercadorias.

Uma das pessoas entrevistadas que conta a idade de 85 anos, afirmou-nos que se lembra de em rapaz, de ver cerca de 50 carros de bois a atravessar a ponte e irem para a Feira trazendo milho e feijão (estes dois produtos andam sempre associados na agricultura Minhota), fazendo-o de dentro dos carros, estes feirantes exibiam os seus ricos trajes regionais a acompanhavam a venda dos seus produtos com cantigas.

Este tipo de venda foi proibida mais tarde e era controlada pela polícia exigindo direitos a pagar por parte dos lavradores. O entrevistado calcula que tal tenha acontecido por volta de 1914-20.

A disposição dos diversos produtos pelo Campo da feira não era rígida, porque o volume das mercadorias era diminuto e também porque ainda não tinham sido feitos os arruamentos do campo da Feira.

Vendia-se nesta época, essencialmente, o milho, o feijão e os produtos das diferentes épocas. A fruta só

existia na sua época pois ainda não haviam câmaras frigoríficas e não era rentável vir buscar-la ao Sul.

O tecido, exposto, eram fabricados essencialmente a partir do linho. Eram os engenhos situados à beira-rio os responsáveis pela produção deste artigo que era confeccionado pelas mulheres.

Os barros oriundos das inúmeras olarias de Santa Maria dos Galegos, Areias de S. Vicente constituiam no início do século, verdadeiras obras de arte.

Os Bordados de crivo, vinham para a feira das freguesias de S. Miguel e Fonte Coberta.

Os cestos de 4 asas, típicos da região, os jugos, as rocas, os fusos, etc., eram outros produtos que na feira semanal de Barcelos se vendiam.

O mais importante a salientar é que a feira assentava nos produtos da região que aí eram vendidos (economia regional). O comércio da então Vila de Barcelos vendia os produtos regionais, mas também nacionais (economia Nacional).

As poucas indústrias existentes eram ainda artesanais e tentavam abastecer as necessidades da agricultura, da manufactura dos tecidos e na criação de produtos de necessidade doméstica.

Com a transformação das estruturas produtivas dos têxteis e dos barros, perdeu-se o carácter artesanal dos produtos vendidos.

Uma das perguntas que frequentemente faziamos aos visitantes da feira, era se a industrialização da agricultura não teria roubado à feira e ao concelho uma actividade artesanal ligada à manufactura das alfaias agrícolas, que anteriormente existia. As resposta pouco variavam, era do consenso geral que hoje em dia muitos poucos artigos necessários à lavoura eram vendidos na feira, estes produtos hoje são vendidos em casas especializadas.

5. A FEIRA E A SUA IMPORTANCIA SÓCIO-CULTURAL

A feira tinha uma enorme importância sócio-cultural. A quinta-feira era o dia que a cidade se consagrava em pleno à feira que lhe apresentava os produtos da região e não só. A cidade funcionava como ponto de encontro de pessoas para aí efectuarem negócios, combinarem futuros encontros, fazer contratos, etc.. A feira funcionava como meio de comunicação, era aí que se sabiam as notícias da região.

A velocidade da circulação de notícias e ideias através dos novos meios de comunicação reduzio à feira o seu carácter social e cultural.

IV

1. A FEIRA DE BARCELOS; A DA MEDIDA GRANDE

1.1. O DIA DE FEIRA

A quinta-feira é o dia grande da cidade e da região, Barcelos enche-se de gente, assemelhando-se mais uma cidade cosmopolita que a uma pacata cidade de província.

Desde a noite de quarta-feira começam, a chegar os primeiros feirantes, ligados ao sector agrícola que logo aí começam a expôr os seus produtos. Muitas domésticas aproveitam a ocasião para efectuarem as compras dos legumes e demais produtos hortículas.

Pelas seis horas da manhã já o talhão dos produtos hortículas está completo, e a azáfama do descarregar das últimas camionetas e tractores é grande. Atendem-se os primeiros clientes da manhã e paga-se ao cobrador o bilhete correspondente ao lugar, geralmente fixo.

Seguidamente começam a chegar camiões de fruta,

que se abastecem no Sul e no Mercado do Bolhão, Porto. Os vendedores de fruta abastecem essencialmente, os intermediários e o comércio alimentar.

Pelas 7h,30m, dá-se a explosão, os feirantes chegam de todo o lado e assentam arraiais. Pelas 8 horas toda a feira se apresenta convenientemente preparada para os visitantes.

Aqueles que se dirigem à feira para aí fazerem as suas aquisições chegam de toda a parte e dos mais variados modos. Com estes visitantes vêm alguns pequenos feirantes com os cestos de verga à cabeça, com feijão, dois ou três galos e algumas dúzias de ovos.

Pelo meio-dia a cidade apresenta-se, plena de movimento. Agora são as ruas comerciais e os restaurantes a chamarem a atenção das pessoas.

No início da tarde o movimento na feira continua. Quem não pode vir de manhã, veio da parte da tarde. Só pelas 5 horas da tarde se começa a notar que os feirantes então a abandonar o campo da Feira.

Os primeiros a seguir viagem são os agricultores, o resto dos feirantes recolhe as tendas e embala os produtos.

Ao fim do dia só o lixo é testemunho da grande azáfama que percorreu todo o recinto da feira.

1.2. QUEM A VISITA

De um modo geral, no dia de Feira todas as freguesias do concelho estão nela representadas.

Das pessoas que a visitam podemos estabelecer 3 categorias em relação à sua periodicidade: aquelas que o fazem todas as semanas, aquelas que o fazem frequentemente e, aquelas que o fazem muito raramente ou uma só vez de passagem, e estes são geralmente os visitantes que vêm de outras regiões que não a de Barcelos, e mesmo do estrangeiro que a visitam em roteiros turísticos e nela procuram em especial os produtos artesanais.

Os que o fazem todas as semanas, salvo algumas excepções, são as pessoas do concelho que além da visita à feira, procuram usufruir dos serviços e comércio que a cidade tem para lhes oferecer. Os que a visitam frequentemente mas não, semanalmente, são de um modo geral a po

pulação das regiões limítrofes que a ela se dirige ciente da variedade dos produtos expostos, dos preços praticados e da possibilidade de encontrarem numa àrea delimitada essa infinidade de produtos. Muitos deste visitantes são de Braga e dizem-nos ser compensadorada a deslocação, uma vez que a grande variedade e qualidade das lavouras que num só dia se podem encontrar vão substituir as compras diárias da semana que na sua cidade teriam de fazer.

Mas, também muitos destes visitantes são de nacionalidade espanhola, sobretudo da Galiza, e vêm adquirir vestuário, calçado e artesanato e o facto de atravessarem uma fronteira é-lhes compensado pelo baixo preço de custo destes produtos, como nos afirmaram.

A Feira de Barcelos é denominada pelos forasteiros como a Feira da "Medida Grande", pois ela oferece-lhes em especial no talhão da lavoura mais do que aquilo que eles pediam e assim, quando a comparavam com as das suas regiões, lembravam-se de como nesta as medidas de peso eram grandes.

1.3. A FEIRA E O COMÉRCIO CITADINO

Poder-se-à afirmar que tudo o que se vende na

Feira, hoje em dia, já se vendia à 20, 30 anos atrás, noutros moldes. Os artigos de carpintaria evoluiram para a mobília completa; dos tecidos a retalho passou-se aos produtos já confeccionados, enfim são muitos os exemplos que poderíamos referir.

A Feira funciona como um grande centro comercial, que abre portas a todo o tipo de produtores, vendedores e à mais variada gama de produtos. Apresenta uma grande competividade com o comércio local pois a feira é isenta de impostos, de contribuições, etc., que o comércio é obrigado a pagar. Assim a actividade comercial não tem capacidade.de resposta à competição, ressentindo-se no volume de vendas.

Não é de estranhar pois que os comerciantes tenham, através dos meios de comunicação, alertado o poder local para os problemas que a Feira, nos moldes actuais, cria ao comércio.

Muitos comerciantes, num tom depressivo, afirmam que se uma pessoa se casar no próximo Domingo, vai Quinta-feira à Feira e encontra tudo o que precisa para montar a sua casa.

Os comerciantes queixam-se dos poucos benefícios que a feira lhes trás, pois ela cria-lhes problemas

ao nível da sua expansão.

São vários os artigos que têm vindo nos jornais de Barcelos com títulos sugestivos, entre eles escolhemos o seguinte: "O cancro da Feira semanal de Barcelos". Estes artigos no geral apontam para a necessidade de reestruturar a Feira aumentando os produtos da lavoura e artesanato e diminuindo a àrea dos produtos que também se encontram à venda no comércio local.

2. A ADMINISTRAÇÃO DA FEIRA

As feiras são hoje como sempre, administradas pelas entidades locais. São assim as Câmaras Municipais que têm o papel de as regerem, protegerem e incrementá-las.

Assim a administração não poderá ser passiva e restrita à parte burocrática do seu funcionamento, terá que obedecer a uma planificação, analisando as suas características, possibilidades e potencialidades (análise de mercado).

Exige-se hoje em dia uma reestruturação da feira de modo a beneficiar as actividades e as pessoas do concelho.

A Câmara Municipal, como já referimos, adminis-

tra-a, na pessoa do vereador do pelouro da feira e dos Serviços de Mercados e Feiras, sobre estes dois orgãos cabe a responsabilidade da organização e fiscalização. Todos os lucros da venda de lugares revertem a favor da edilidade.

Todos os requerimentos para a candidatura a um lugar na Feira, obedecem primeiro a um parecer favorável do Serviço de Mercados e feiras e em seguida a um parecer do vereadordo Pelouro da Feira. Todo o requerimento deve ter explícito, para além do lugar, e actividade a que se vai dedicar.

2.1. OS LUGARES

Os diferentes tipos de negócios que se encontram na feira, impõem, quer pela sua natureza ou características especiais na exposição, quer pela sua importância quantitativa, condições de utilização do solo muito variados.

Assim vamos encontrar diversos tamanhos de talhão, bem como feirantes com mais do que um lugar.

2.2. MODALIDADES DE PAGAMENTO

A maioria dos feirantes estão sujeitos ao pagamento da Taxa de Ocupação anual e a um aluguer do terreno

anual ou por feira. O aluguer está condicionado por três factores:

- tamanho do lugar - metros quadrados
- tipo de artigo que vende
- localização ou não com frente para arruamentos

* CASOS ESPECIAIS

Ciganos - não é exercida sobre estes qualquer tipo de fiscalização. Nâo pagam nem a taxa anual nem aluguer de terreno. Esta situação vem-se arrastando à vários anos sem qualquer tomada de posição pelas entidades locais.

Agricultura; Talhão A - apresentam igualmente condições especiais. A única condição imposta aos feirantes deste sector é a de serem ao mesmo tempo produtores. Caso contrário são considerados comerciantes perdendo todas as regalias.

Estão à partida isentos da taxa de ocupação anual e ao contrário de todos os outros feirantes, o aluguer do terreno é pago ao dia. Não precisando de inscrição nos Serviços de Mercados e feiras, o que impossibili

ta a sua contabilização.

Artigos regionais; Talhão E - Para que na feira se possam instalar estes feirantes, têm de ser do concelho.

Beneficiam, os artigos regionais, de regalias com o intuito de favorecer em relação aos restantes, o artesanato da região.

Não pagam a taxa anual sendo-lhes exigido o pagamento do aluguer do terreno que se cifra em 15 escudos o metro quadrado por dia de feira.

* RESTANTES CASOS

Os restantes casos estão sujeitos ao pagamento da taxa anual, que será acrescida de 7 mil escudos caso estiver frente a um arruamento, e ao aluguer do terreno.

Apresentamos a seguir uma lista de alguns artigos e o preço pago pelos diferentes artigos.

	Taxa Anual de Ocupação	Preço/m²/por feira
Couros	500$00	6$00
Jugos	500$00	6$00
Cordas	1.000$00	4$00
Sementes	1.000$00	8$00
Funileiros	2.000$00	5$00
Pipos	2.000$00	10$00
Frutas	3.000$00	5$00
Padeiros	3.700$00	10$00
Sapateiros	5.000$00	12$00
Mobílias	7.000$00	8$00

* CONCLUSÃO

Nota-se, através dos dados, que a política de preços da taxa anual tem três directrizes fundamentais.

a) Proteger a agricultura, pois é de primordial importância. Além disso é uma actividade que no concelho se encontra descapitalizada, não tendo grande margem de lucro.

b) Proteger as actividades cujos artigos sejam importantes para a lavoura. A análise da taxa anual reflecte bem esta ideia.

c) Conceder regalias ao artesanato da região, o que se observa na isenção da taxa anual.

Proteger as actividades mais características da região que são mais frequentadas pelas pessoas da região é um dos objectivos principais da política de preços elaborada pela Câmara.

3. OS FEIRANTES

Dos aproximadamente 660 feirantes inscritos nos Serviços de Mercado e Feiras, cerca de 330 pertencem ao concelho de Barcelos. Distribuem-se duma maneira muito pouco uniforme pelo concelho o que leva a supôr que a sua comparticipação em produtos é muito pouco homogénea.

Das 89 freguesias:

- 59 - têm entre 0, 2 feirantes
- 8 - têm entre 3, 5 feirantes

- 14 - têm entre 6, 10 feirantes

- 8 - têm mais de 10 feirantes

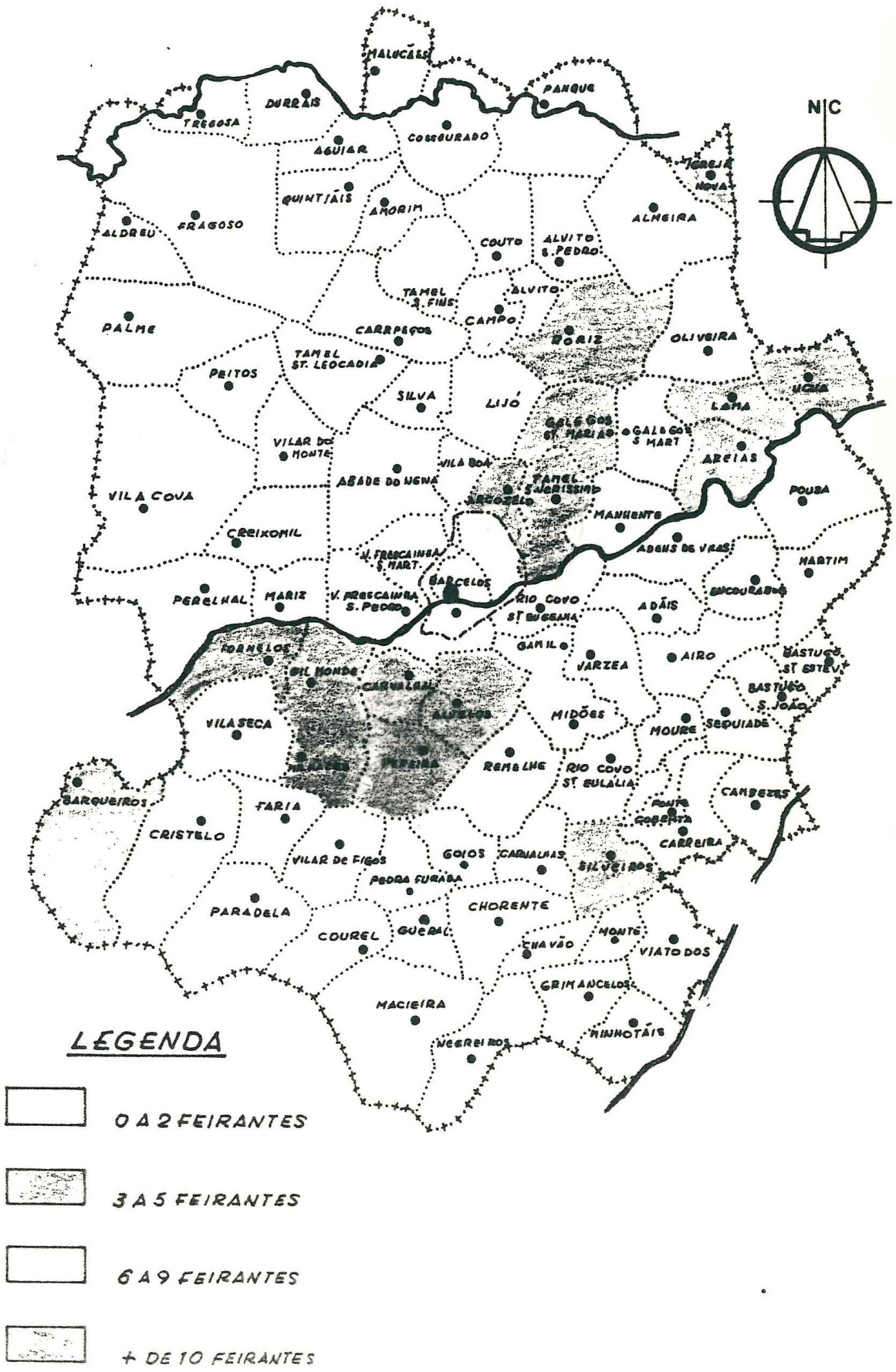
Observando a figura anexa, a parte Noroeste a parte Sul e Sudoeste, apresentam-se como as de menor comparticipação e em muitos casos nula. O mesmo acontecendo para as freguesias limitrofes do concelho.

Assim podemos chegar à conclusão de que os feirantes (vendendo ou não produtos do concelho) são oriundos das freguesias que maior quantidade de produtos têm para oferecer, loga àreas mais industrializadas.

Uma análise mais atenta, mostra-nos que cerca de 70% dos feirantes dedica-se à venda dos produtos industriais mais generalizados no concelho: Têxteis, Louça, Calçado.

É de salientar que a maior parte destes concelhos se apresentam junto ao rio Cávado, donde se depreende que o rio ainda é um factor importante para a economia do concelho.

As freguesias que apresentam um maior número de feirantes e têm um maior desenvolvimentocomercial e indústrial, estão no seguimento das principais entradas nacionais que percorrem o concelho.



LEGENDA

0 A 2 FEIRANTES

3 A 5 FEIRANTES

6 A 9 FEIRANTES

+ DE 10 FEIRANTES

Um 1º grupo de feirantes reside nas freguesias em redor da cidade de Barcelos, dedicam-se em especial à venda de malhas; frutas e legumes.

Um 2º grupo é formado pelos que residem nas freguesias de Manhenta, Galegos, Areias de S. Vicente,Ucha, Oliveira, representam 90% das louças vendidas na feira, tendo também um contributo importante nos têxteis.

Um 3º grupo é formado pelas freguesias de Carlhal, Àlveolos, Pereira e Remelhe que para além de deterem a totalidade do comércio de calçado na feira detêm já grande parte do comércio de malhas e miudezas.

* OS FEIRANTES DE FORA DO CONCELHO

Vêm dos mais variados sítios, na sua maioria são oriundos do Distrito de Braga. Tal como acontece com os feirantes do concelho, vêm vender aquilo que a sua região possui.

4. APRESENTAÇÃO DO RECINTO E PRODUTOS DA FEIRA

* RECINTO

O designado campo da feira, é toponímicamente chamado campo da República.

Encontrava-se situado em pleno centro da cidade de Barcelos, tendo uma àrea aproximada de 30 mil m². Este campo está dividido em 8 talhões principais e 3 secundários.

Foi em 1927 que se começaram as obras de arruamento deste recinto, mantendo ainda hoje o mesmo aspecto.

* DESCRIÇÃO DOS TALHÕES

TALHÃO A - Dedica-se à venda de produtos agrícolas, frutas, pão, produtos de pastelaria e flores.

PRODUTOS AGRÍCOLAS - Batatas, cenouras, cebolas, tomates, alhos, nabos, ervilhas, feijão, abóboras, alface, agriões, espinafres, couve-flor, nabiças, são algumas das variedades agrícolas expostas na feira.

Como o lugar é pago ao dia é difícil saber ao certo o número de vendedores, calculam-se cerca de 300 nas fei

ras mais fortes (Julho a Setembro).

Não deixa de ser estranho que num concelho de grande peso agrícola, a lavoura exposta na feira, venha essencialmente da Beira-Mar. Os lavradores do concelho que vêm à feira são em maior número, mas a quantidade dos produtos é na realidade muito inferior.

A Beira-Mar oferece, essencialmente os produtos leguminosos e hortícolas. As maceiras, terrenos altamente produtivos, conseguem através duma cultura intensiva e rotativa apresentar grandes quantidades dos mais variados produtos, durante todo o ano.

São chamadas "novidades" aos produtos que a àrea das maceiras consegue por na feira, muitas vezes antes dos produtores do concelho. Talvez por isso aos agricultores do concelho nunca interessou afirmar uma cintura hortícola à volta da cidade, pois para além de nunca apresentarem os produtos ao mesmo tempo, dificilmente esses produtos apresentariam competitividade.

Muitas vezes os vendedores não são os próprios produtores, são pessoas contratadas.

Os produtos, aí vendidos, destinam-se a servir uma variada gama de compradores e uma grande àrea espacial; alimentam de produtos frescos os habitantes e os restauran

tes e supermercados da cidade. Servem frequentemente, nas épocas de maior procura vários centros urbanos, como Braga, Póvoa do Varzim e Porto. Até, mesmo, da zona do Gêres e Ponte de Lima, vêm donos de restaurantes, abastecer-se destes produtos à feira.

Os agricultores queixam-se da ingratidão da vida agrícola e do pouco lucro que ela dá.

Qualquer comeriante de Braga (que se situa a 20 Km) pode vir a Barcelos adquirir estes produtos ganhando, depois, na venda cerca de 100% de lucro.

Como exmplo podemos referir que o agricultor que investe, cultiva e vende na feira um produto como a cenoura, por 40$00 o quilo, tira um lucro de cerca de 20$00. O comerciente de Braga sómente com os custos de transporte tira o lucro de cerca de 100% se exceptuarmos os custos de transporte.

Os agricultores do concelho, contribuem com bastante menos produtos. Fazem duas ou três feiras na época da batata outras tantas na época da cebola, etc.. Mas semanalmente, vêm sempre alguns que trazem um ou dois cestos com feijão, milho e uma ou duas aves. Com o dinheiro que fazem na venda destes produtos abastecem-se no comér-

cio da cidade.

Assim, podemos chegar à conclusão de que a economia agrícola do concelho é de auto-consumo, e que os produtos em que assenta a economia agrária do concelho, vinho, milho e gado, não são vendidos na feira.

É difícil saber ao certo quantos são ao todo os agricultores, quer do concelho quer da Beira-Mar, que vendem na feira. Depois de observarmos, esta parte da feira, calculámos cerca de duas centenas. Estes agricultores fazem apenas a feira de Barcelos e os anos que têm de feira, variam, encontra-mos alguns que a fazem há 15 anos e mais.

FRUTA A RETALHO - 10 vendedores, vendem todo o tipo de fruta que se pode encontrar disponível no mercado Nacional.

Não são produtores, abastecem-se geralmente no próprio dia de feira nos intermediários que aí se deslocam propositadamente.

Os vendedores são oriundos de Famalicão, Vila Verde, Braga e Barcelos.

Laranjas, pêras, maçãs, ananáz, banana, melões, cerejas, tangerinas, figos são alguns exemplos.

PANIFICAÇÃO - 22 vendedores, apresentam os mais variados tipos de pão, regueifas, doces regionais e de romaria, etc..

PASTELARIA - 3 vendedores, vendem todo o tipo de pastelaria corrente.

Em ambos os casos o fabrico dos produtos é actualmente industrial.

FLORISTAS - 4 vendedores que pagam a taxa anual de Feira as restantes (número não fixo) pagam ao dia.

São produtores de algumas das flores expostas , cultivam-nas nos quintais e estufas anexas às suas habitações. Mas grande parte delas provêm de fora do concelho, mais própriamente do Sul, em especial do Algarve. Neste último caso, abastecem-se em cooperativas e particulares sempre que possível, caso contrário nos armazenistas do Porto.

É interessante referir que se encontram algumas pessoas que vendem flores silvestres apanhadas nos montes.

A variedade das flores exposta está dependente da estação do ano. Em geral apresentam Amores, Margaridas,

Crisântomos, Cravos, Rosas, Jarros, Tulipas, Cactos, arbustos ornamentais e Begónias.

TALHÃO B - Dedica-se à venda de fruta para revenda, sementes, louças, plásticos e alumínios.

FRUTA PARA REVENDA - 15 vendedores, que vendem todo o tipo de fruta, fazendo a venda dos próprios camiões . Compram esta fruta a cooperativas e produtores da região de Alcobaça, Setúbal e da província do Algarve,e no mercado do Bolhão na cidade do Porto. Abastecem em geral os vendedores de fruta a retalho da feira, alguns do mercado municipal e essencialmente os comerciantes do concelho. São oriundos quer do concelho quer do Distrito de Braga. Alguns destes feirantes fazem outras feiras.

SEMENTES - 3 vendedores.

* SEMENTES DE PRODUTOS HORTÍCOLAS - como as nabiças, pencas, feijão, ervilhas, etc..

* SEMENTES DE FLORES - como as rosas, cravos, túlipas, jarros, etc..

Os vendedores, são os produtores das sementes hortículas, mas as sementes de flores são por eles adquiridas no Porto.

LOUÇA, PLÁSTICOS E ALUMÍNIOS - 25 vendedores. Vende-se neste sector copos, canecas, pratos, chávenas, cálices, jarros, malgas, terrinas, vidraria variada, louça fina de Alcobaça e louça mais grosseira. De plásticos vendem-se escorredores de louça, baldes, bacias, caixas herméticas do mais variado tipo, tabuleiros de roupa, funis. De alumínios os tachos, panelas, formas, regadores, leiteiras, faqueiros, são alguns dos exemplos.

Grande parte dos feirantes, como a quase totalidade dos produtos, são oriundos de fora do concelho. Abastecem-se essencialmente no Porto, Oliveira de Azeméis, Alcobaça e Sacavém, tentando sempre que possível adquirir os produtos nas fábricas.

Os poucos feirantes que são do concelho, vêm das freguesias onde é grande a produção de Olaria e Cerâmica.

A proliferação destes artigos, que hoje em dia ocupam a quase totalidade do talhão B, deu-se nos últimos 20 anos quando se verificou uma maior procura dos produtos plásticos.

TALHÃO B1

CESTARIA - 2 vendedores

Vendem a chamada cestaria de Macau. Vendem cestos de verga, baús, candeeiros, bancos, arranjos de corda e verga para vasos e flores.

Estes produtos são oriundos do concelho e do Algarve (Loulé).

MALHAS E MIUDEZAS - 7 vendedores. Ver talhão D.

TALHÃO C

MALHAS E MIUDEZAS - 129 vendedores. Os feirantse deste talhão vendem, com excepcão das malhas, artigos não confeccionados: artigos de malha, tecidos a metro do mais variada tipo, atoalhados, alcatifas, rendas, são alguns exemplos.

São estes vendedores na maioria, oriundos do concelho de Barcelos. Abastecem-se em revendedores e fábricas de têxteis que proliferam por toda a zona Norte (Braga, Barcelos, Famalicão, Guimarães e S. Tirso).

As malhas e miudezas e artigos confeccionados ocupam a àrea mais vasta da feira.

TALHÃO D - Encontra-se neste talhão, artigos de sapataria, artigos de retrosaria, malhas e miudezas.

ARTIGOS DE SAPATARIA - 56 vendedores. Encontra-se todo o tipo de calçado para Homem, Senhora e Criança, que por vezes se encontram especializados em algumas tendas.

Abastecem-se, na maioria, nas fábricas do concelho e também em Felgueiras, Guimarães, S. João da Madeira e Avintes.

Na maior parte, estes vendedores, são do concelho, havendo alguns que são produtores.

ARTIGOS DE RETROSARIA - 3 vendedores que trabalham essencialmente com fechos e botões. Nenhum deles é do concelho, são de Famalicão, Goios e Vila Verde.

Abastecem-se nas fábricas de Famalicão e Braga de botões e linhas, os fechos vêm de Lisboa.

* MALHAS E MIUDEZAS - 70 vendedores que além de apresentarem, algumas das características referidas no talhão C, trabalham essencialmente com produtos já confeccionados como a roupa interior, camisaria, casacos de cabedal, calças e T-shirts.

D1 - CHINELOS - 8 vendedores, este produto, tal como os feirantes são do concelho, uns abastecem-se nas fábricas do concelho, outros são mesmo produtores.

MALHAS E MIUDEZAS - 5 vendedores (ver talhão D)

TALHÃO E - Encontram-se neste talhão os artigos regionais, de louça e cestaria. Os vendedores são obrigatóriamente produtores e lógicamente todos do concelho.

* LOUÇA REGIONAL - 48 vendedores, que apresentam o mais variado tipo de louça dividida em três grupos principais: louça crua, pintada e vidrada.

* CESTARIA REGIONAL - 10 vendedores, vendem exclusivamente os chamados cestos de verga de vários tama -

nhos.

* CESTARIA DE MACAU - 4 vendedores, (ver talhão B1).

Apresentam também flores artificias, chapéus e alguns trabalhos em cobre.

TALHÃO E - Encontra-se neste sector a ourivesaria e uma enorme variedade de artigos de bijouteria.

* OURIVESARIA - 2 vendedores. São duas casas comerciais do ramo, que exploram estes lugares. Estas duas casas comerciais são da Póvoa do Varzim e Famalicão.

* BIJOUTERIA - 30 vendedores que apresentam uma grande variedade de artigos de bijouteria para além de cassetes, discos e os mais diversos brinquedos.

TALHÃO F - Neste talhão, além dos ciganos que vendem malhas e calçado, encontra-se, mobílias, funileiros, ferreiros, tripas, couros, cordas, jugos, carros de Bois.

É este sector, aquele que mais interessa aos lavradores, pois aí encontram a maior parte dos utensílios que necessitam para o trabalho no campo.

* FUNILEIROS - 2 vendedores.

* FERREIROS - 10 vendedores, que trabalham essencialmente com alfaias agrícolas, foices, machados, enchadas, etc.; trabalham também com alguns artigos característicos das lojas de ferragens.

* TRIPAS - 3 vendedores. este artigo serve para fazer os enchidos de carne, tão característicos da região.

* COUROS e CORDAS - 3 vendedores.

* PENEIRAS - 3 vendedores.

* JUGOS - 2 vendedores.

Os produtores destes artigos são de concelhos de características agrícolas; Fafe, Estarreja, Barcelos. Estes feirantes fazem as feiras das regiões essencialmente

agrícolas como seja Barcelos, Ponte de Lima, Esposende e Caminha.

TALHÃO T - Dispoem-se neste talhão essencialmente a alfaiataria, além de alguma malha e chapéus.

* MALHAS E MIUDEZAS - 21 vendedores. Ver talhão C e D.

* CHAPÉUS E GUARDA-CHUVAS - 1 vendedor.

* ALFAIATARIA - 19 vendedores que vendem fatos do mais variado tipo, são na totalidade fabricantes do artigo. Alguns deles são de lojas comerciais que montam stands na feira.

Os ciganos ocupam uma vasta àrea, vendem malhas e artigos de sapataria. Não se sabe ao certo quantos são pois variam de feira para feira.

TALHÃO G - 110 vendedores. Estes vendedores oriundos dos concelhos mais industriais da região, abastecem - se

dos excedentes das fábricas conseguindo assim apresentar artigos a baixo preço.

Servem essencialmente os pequenos comerciantes da região que, encontram nestes ótimos fornecedores.

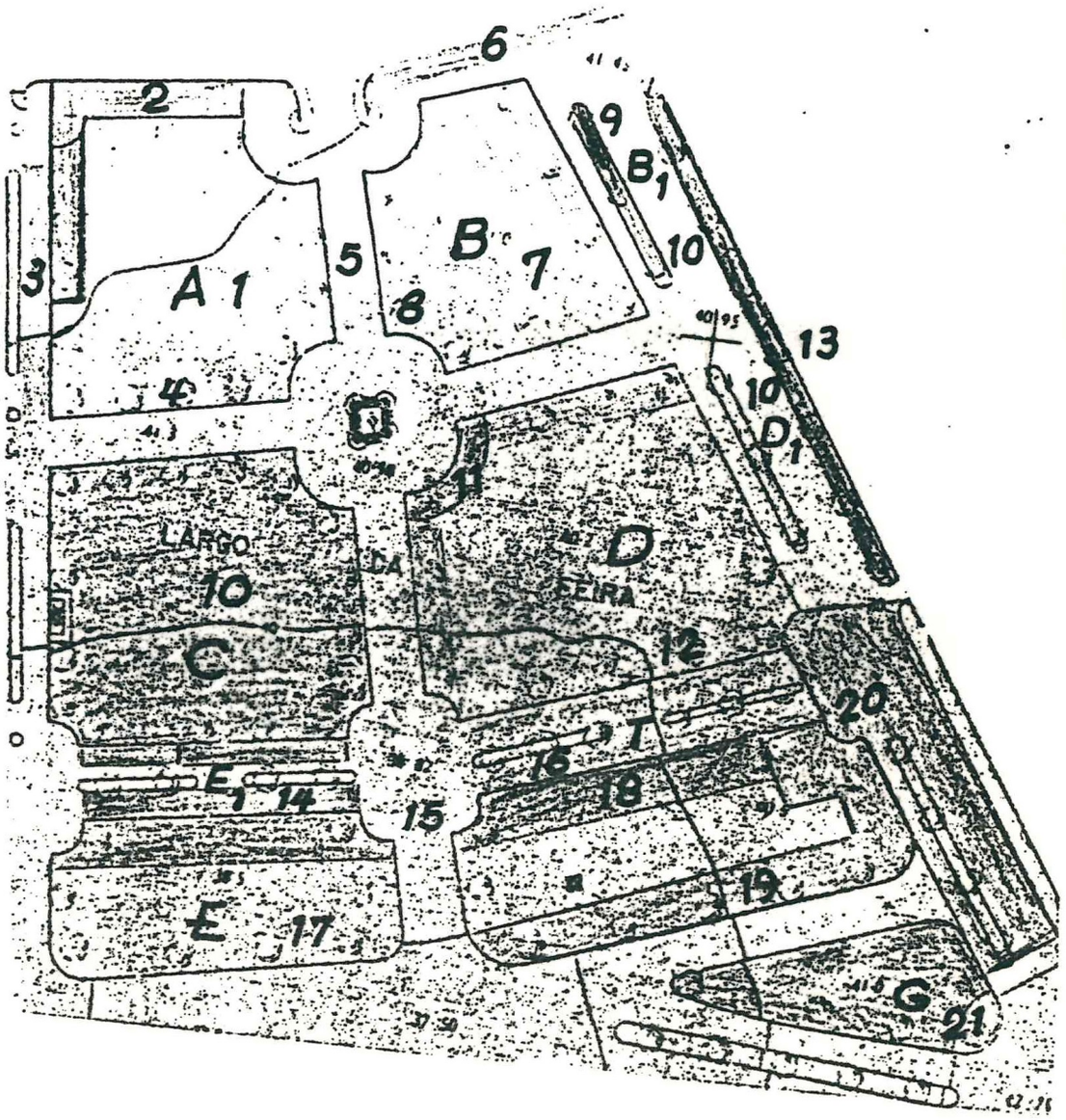
* PROPAGANDISTAS DE MALHAS E FAQUEIROS - 3 vendedores. É irónico ve-los a apresentar um artigo por, por exemplo 2.000$00 e passado algum tempo encontrá-los a apresentar o mesmo artigo mais outro por metade do preço.

Encontramos junto à cerca do hospital (13) um grupo de agricultores do concelho que vendem pequenos sacos de aveia, cevada, centeio, grão de bico e outros produtos.

Encontrámos também 4 feirantes oriundos de Coimbra que neste sector durante 6 meses vendem sementes de àrvores de fruto do mais variado tipo.

Curiosamente encontrámos aqui uma senhora da Famalicão que neste sítio comprava ovos, pintos e coelhos.

LARGO DA FEIRA



LEGENDA

1. LAVOURA DA BEIRA MAR
2. FRUTA A RETALHO
3. FLORES
4. PADARIA E PASTELARIA
5. LAVOURA DO CONCELHO
6. FRUTA PARA REVENDA
7. LOUÇAS, PLÁSTICOS, ALUMÍNIOS
8. SEMENTES
9. CESTARIA DE MACAU
10. MALHAS E MIUDEZAS
11. ARTIGOS DE RETROSARIA
12. SAPATARIA
13. LAVRADEIRAS E FRUTEIRAS
14. OURIVESARIA
15. BIJUTARIAS
16. ALFAIATARIA
17. ARTIGOS REGIONAIS
18. ARTIGOS PARA LAVOURA
19. MOBÍLIAS
20. CIGANOS
21. REVENDEDORES, GROSSISTAS

5. A METRAGEM

Os diversos lugares da feira de Barcelos apresentam metrangens que geralmente estão de acordo com o tipo de produto exposto.

TALHÃO A - Não tem metragem.

TALHÃO B - Lugares de 20 m² a 25 m²

TALHÃO C - Lugares de 15 m², 25 m², 30 m² e 12 m²

TALHÃO D - Lugares de 16 m², 25 m², 30 m²

TALHÃO E - Lugares de 16 m²

TALHÃO T -

Alfaiates - 45 m², 50 m² e 60 m²

Ferreiros - 24 m² e 28 m²

Mobílias - 12 m²

Em qualquer dos casos referidos encontramos por vezes feirantes com mais de um lugar.

6. A FEIRA DE BARCELOS E AS FEIRAS DA REGIÃO

Não será erro afirmar, que qualquer sede de concelho do Minho possui uma feira. Elas são muitas e apresentam características que as diferenciam umas das outras, con

soante as regiões em questão inseridas.

Os feirantes que fazem a feira de Barcelos, na maioria dos casos fazem também mais duas ou três feiras que escolhem consoante o tipo e os artigos que nelas se vendem. Podemos assim distinguir três tipos de feiras.

1º - As feiras dos concelhos mais industrializados; Barcelos, Braga, Famalicão, Santo Tirso, Guimarães, Trofa são alguns dos exemplos.

2º - As feiras do litoral em que, Vila do Conde, Póvoa do Varzim e Esposende são alguns exemplos. Estas feiras são pouco importantes no Nordoeste.

3º - As feiras do Norte, essencialmente agrícolas como as de Viana do Castelo, Ponte de Lima, Paredes de Coura, Arcos de Valdevez, Vila Verde, Ponte da Barca e Barroselas.

* ALGUMAS FEIRAS E O SEU CARÁCTER DE PERIODICIDADE.

- BARCELOS	SEMANAL	5ª FEIRA
- FAMALICÃO	"	"

- GUIMARÃES	SEMANAL	6ª FEIRA
- BRAGA	"	3ª "
-VIANA DO CASTELO	"	6ª "
- VILA DO CONDE	"	2ª "
- TROFA	"	SÁBADO
- PONTE DO LIMA	QUINZENAL	2ª FEIRA
- PONTE DA BARCA	"	4ª "
- PAREDES DE COURA	"	SÁBADO
- ESPOSENDE	"	2ª FEIRA

Fácilmente nos apercebemos que entre as feiras do Norte mais agrícolas e as feiras do Sul mais indústriais existe uma certa diferença na sua realização.

7. FEIRA DO GADO

A feira do gado, deixou-se de realizar à cerca de 2 anos por imposição do Ministério da Agricultura, quando apareceu a Brucelose e grande quantidade de gado tuberculoso vindo de Espanha.

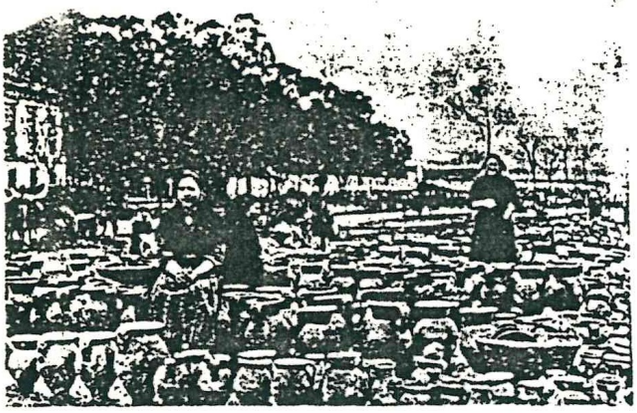
Nunca foi controlada pelos serviços de Feira e Mercados, pelo qual não conseguimos obter informações sobre o número de feirantes, origem, e organização da feira, as-

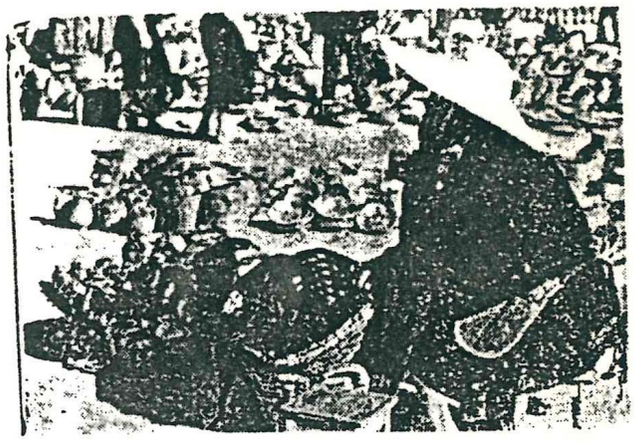
sim como outras informações que achariamos interessantes. É pena, pois sendo o gado um importante complemento económico do agricultor desta região seria indispensável aprofundarmos um pouco este assunto.

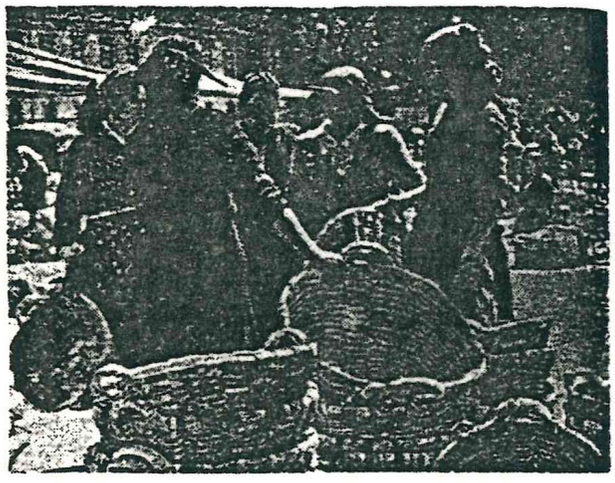
COIMBRA, 15 DE JULHO DE 1985

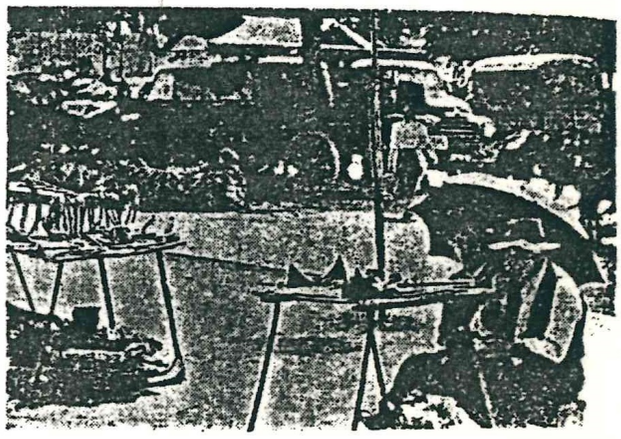
DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

A FEIRA DOS ANOS 40







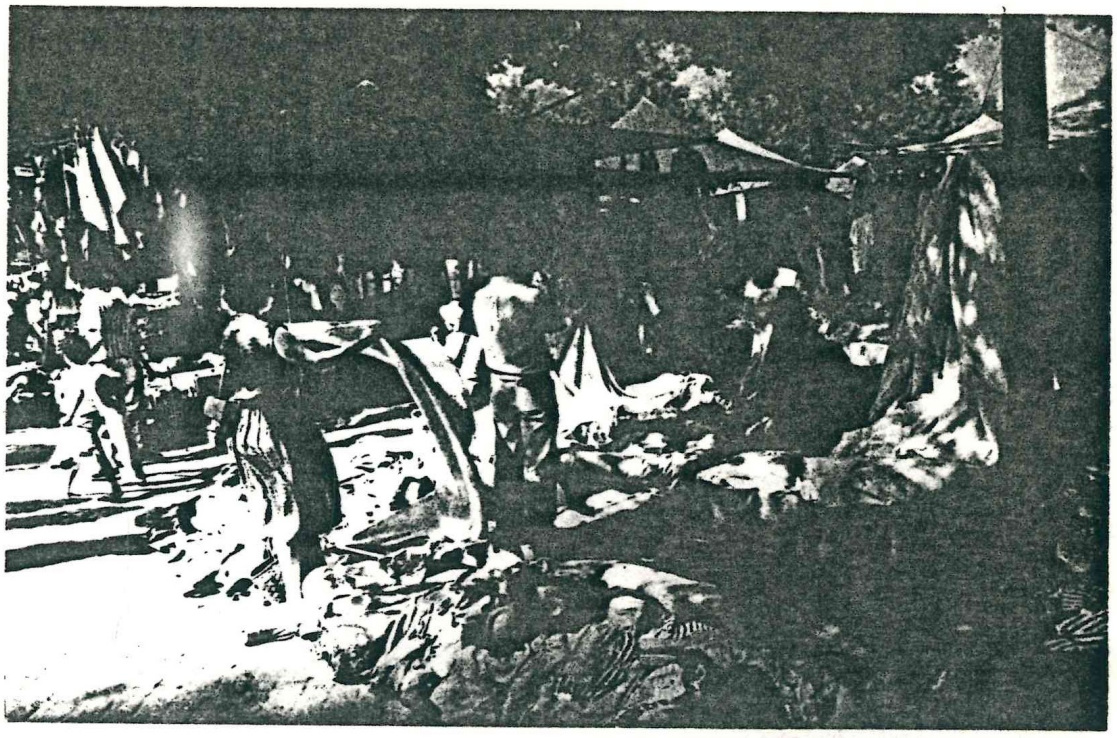


FEIRA ACTUAL

UMA FEIRANTE

ASPECTO DO TALHÃO A ÀS 5 HORAS DA TARDE

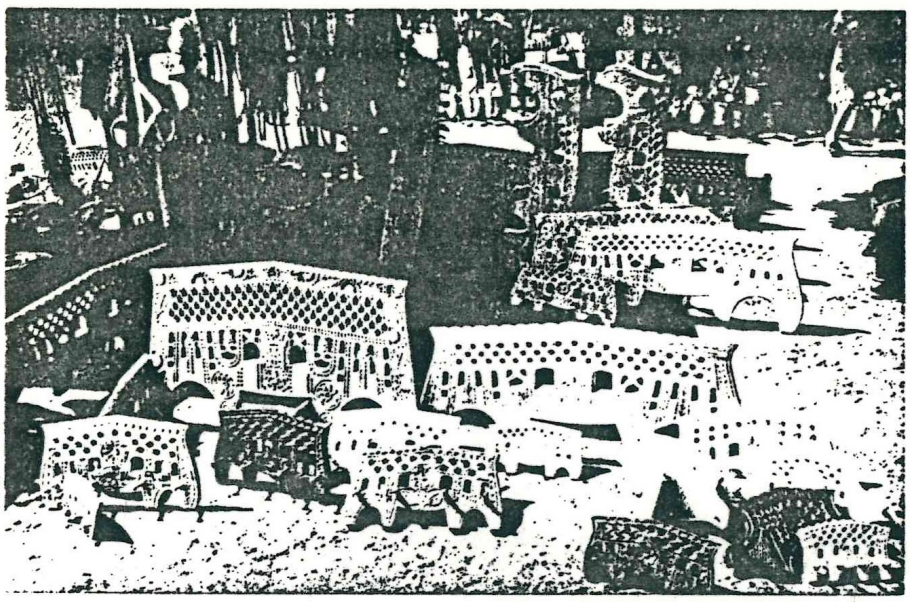
VENDEDORA DE FRUTA

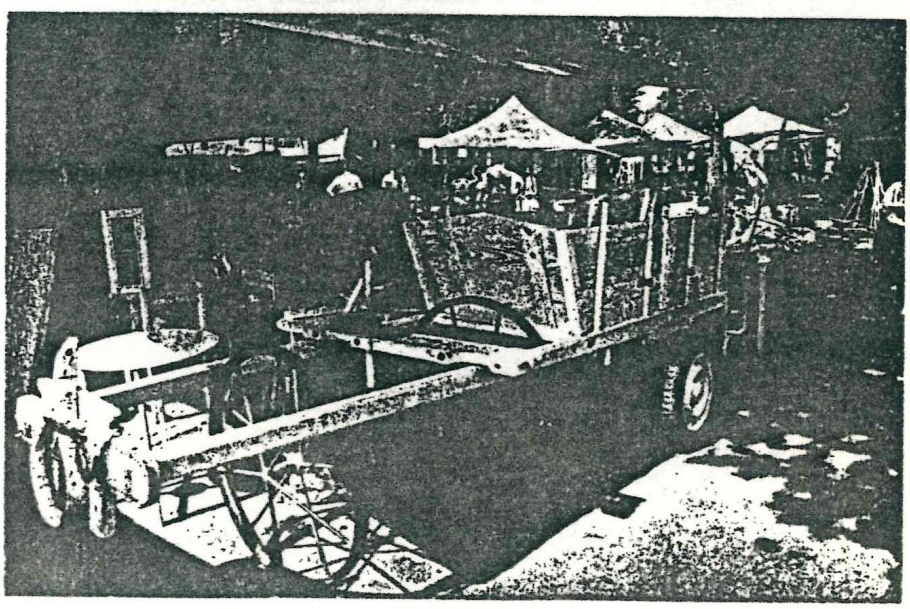


VENDA DE TECIDOS A RETALHO

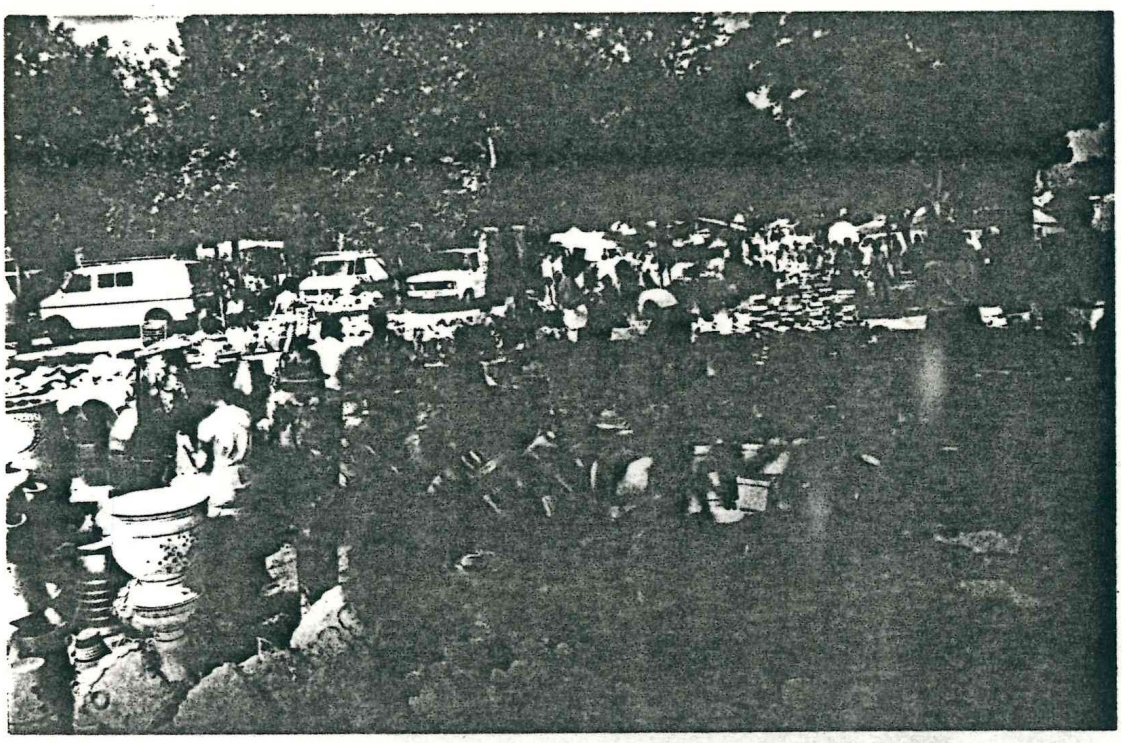
VENDA DE PRODUTOS CONFECIONADOS

VENDA DE JUGOS

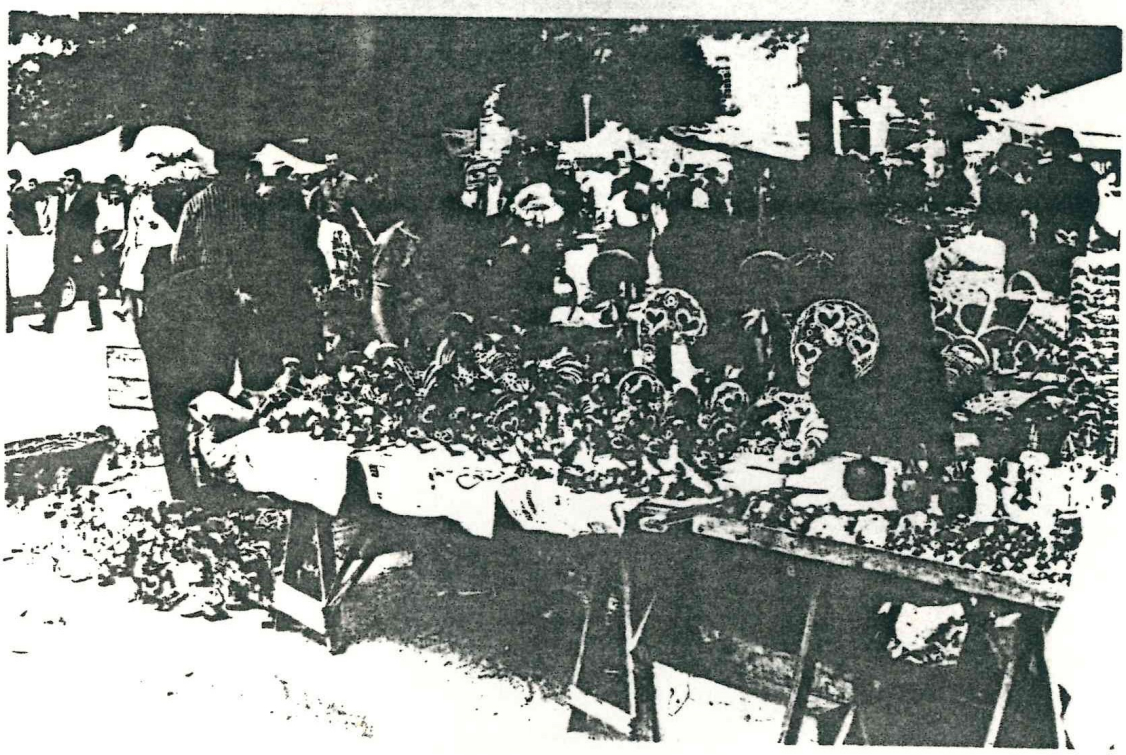




VENDA DE ARTIGOS DE MOBILIÁRIO E ACESSÓRIOS AGRÍCOLAS



VENDA DE LOUÇAS

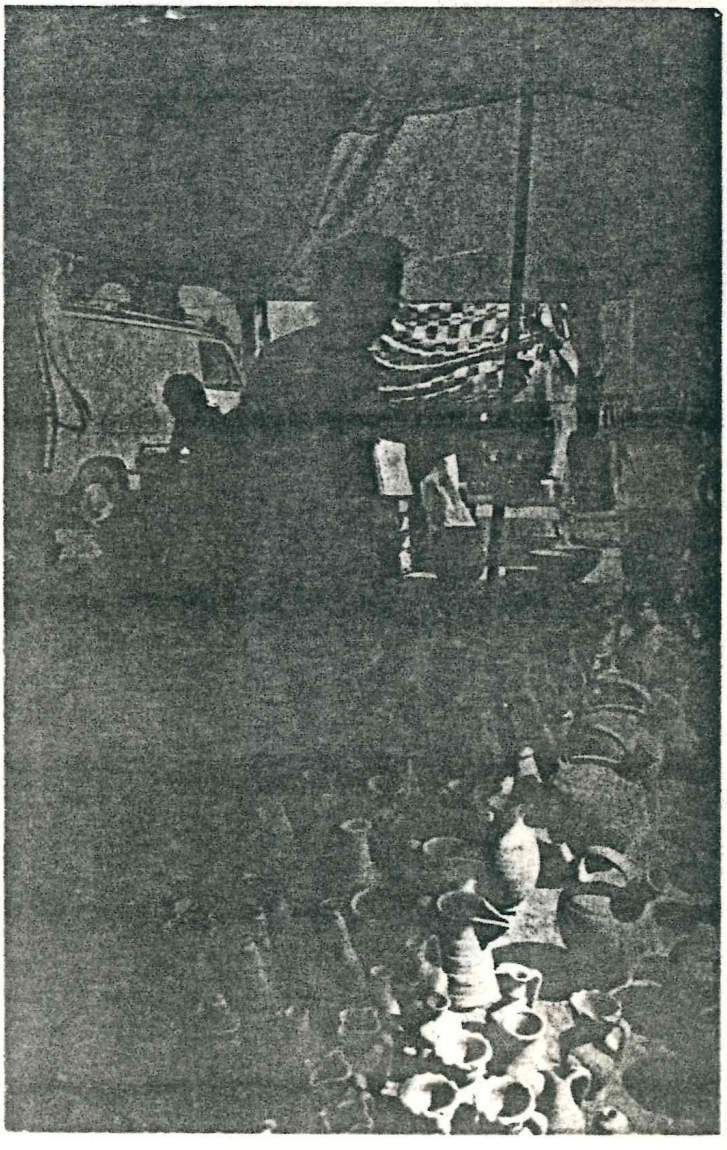


O GALO DE BARCELOS

LOUÇA

VENDEDORA DE

BARROS ARTESANAIS



DEPOIS DO COMÉRCIO

A FEIRA ...

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, João - "A voz dos Deuses"

FONSECA, Teotónio da - "Concelhos de Barcelos aquém e além Cavado"

GASPAR, Jorge - "Portugal em mapas e números" Livros Horizonte, 2ª edição, 1981

GUIMARÃES, Ernesto Amorim -"Barcelos no Presente e no Passado"

MARQUES, Gabriel Garcia - "Cem anos de Solidão"

PEREIRA, Padre Domingos Joaquim - "Memória histórica da Vila de Barcelos"; 1867

RAU, Virgínia - "feiras Medievais Portuguesas" Editorial Presença, 2ª edição, 1983

SERRÃO, Joel - "Dicionário de História de Portugal"

SAMPAIO, José Mancelos - "Barcelos - Resenha - Histórica - Pitoresca - Artística"; 1927

Verbo Enciclopédia Luso Brasileira

AGRADECIMENTOS

* Biblioteca Municipal de Barcelos, na pessoa do Dr. Victor.

* Serviços de Mercados e Feiras da Câmara Municipal de Barcelos.

* Associação Comercial Barcelense.

* Sr. Mário Durães.

* Filipe e Jorge Correia - Fotógrafos.

* Engenheiro Cunha - Cartas e mapas.

biblioteca
municipal
barcelos
21716
A feira de Barcelos